



Chico Maria

—♦♦—

Crônicas



Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)
Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) | Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)
Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) | Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)
Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)
Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) | Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)
Diego Duquelsky (UBA) | Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)
Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) | Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)
Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) | Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)
Germano Ramalho (UEPB) | Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)
Glauber Salomão Leite (UEPB) | Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)
Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT) | Vincenzo Carbone (UNINT/IT)
Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB) | Vincenzo Miliello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*
Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*
Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*
Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*
Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*
Danielle Correia Gomes | *Divulgação*



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Chico Maria

Crônicas



Campina Grande-PB
2019

Reedição revista e ampliada



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lúgia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez de Castro Dória | *Diretora Presidente*

William Pereira Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*

Albiege Léa Fernandes | *Diretora de Rádio e TV*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15ª/368

M332c Maria, Chico.
Crônicas. [Livro eletrônico]/ Chico Maria.; [Ilustrações: Chico Maria].
[2.ed.].--Campina Grande: EDUEPB/Latus, 2020.
000 Kb - 142 p.: il.

Nota: Latus é um selo da Editora da Universidade Estadual da Paraíba(EDUEPB).

ISBN 978-85-63984-83-8 (E-book)

978-85-63984-78-4 Impresso)

1. Literatura brasileira – Crônicas. 2. Crônicas brasileiras. 3. I. Título.

21. ed.CDD B869.94

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

Doutor Solte Meu Pai,	7
Toin Cabral,	10
O P. S. D. de Ruy,	12
O Trio 111,	15
Velhos Carnavais,	17
Zé Américo,	19
O Conselho de “Mariola”,	21
O “Mês de Maio”,	23
O Sindicato dos Bebos,	25
“Data Vênia – Excelência”,	27
Menino, Sempre Menino,	29
Maria Garrafada,	32
Minha Roupa de Linho Branco,	34
Sorveteria “Pinguim”,	36
Enterro de Menino Pobre,	39
“Capão, Cadê Terezinha?”,	41
Ciúme de Dorothy Lamour,	43
Festa de Natal,	45
A Velha Campina,	47
Gerente do Banco do Brasil,	49
Rua do Algodão,	51
O Porteiro Era Tubarão,	53
Quero é Esquecer,	55
Audiência,	58

Mário Bacurim, **60**
Minha Professora, **62**
Dona Apolônia, **64**
Para um Menino Morto, **66**
Carlinhos, **68**
Velhos Estandartes, **70**
Astros e Estrelas, **72**
Anjo Negro, **74**
O Ipiranga, **76**
O Negro Gonzaga, **78**
O Dallas, **81**
O Café de João Brabo, **83**
Rocha, o Alfaiate, **85**
Tempo de Menino, **88**
O Quarto de Maria , **90**
O Artista, **93**
O Instituto Pedagógico, **96**
Ernani e João, **98**
O Circo, **100**
O Homem é Pedro, **103**
Seu Raul, **105**
Oxente, Wanda!, **108**
O Major Câmara, **110**
Amaury Guru – Linda , **113**
Chico B, **115**
Minha Normalista, **118**
O Velho Boêmio , **120**
o príncipe do tango, **122**
Cadê o Menino?, **137**
Lila, **139**
Kennedy, **140**
O Norte Contra o Sul, **141**

DOUTOR SOLTE MEU PAI

*A ilustrações constantes no livro são de autoria do então menino
que inspirou a presente crônica.*

OLHOU PARA MIM E EU VI O MEDO E A DOR MARCANDO O SEU
rosto de menino.

Estava mergulhado, no imenso e frio corredor da Delegacia.
Roupa remendada, os pés na sandália suja.

“Doutor, solte meu pai!”

Não tinha onze anos. O corpo de fome, os olhos espantados
como se tivesse medo de olhar a vida. Vida que passava na indi-
ferença dos soldados, no gemido solitário de algum preso.

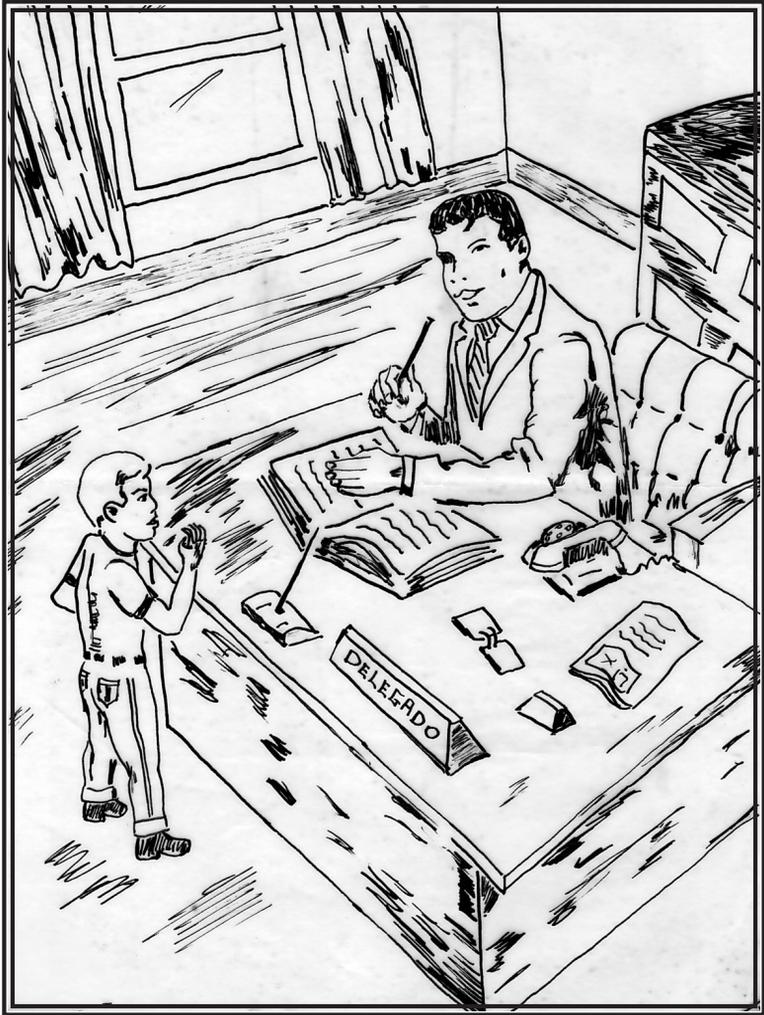
O pai, viciado em fumar maconha, fazia quatro dias que
estava detido.

Sob os efeitos da erva, tentara assassinar a mulher. Os golpes
desferidos pela mão louca, foram atingir o menino que partira
em defesa da mãe.

Sem profissão, dominado pelo vício, o pai vivia pela mão da
esposa, uma lavadeira, e do filho a quem ferira, vendedor de
amendoim.

Resto de gente. Mais morte do que vida.

E ali estava o menino diante de mim, o corpo marcado pelos
golpes da faca. Ferido no corpo e na alma.



“Doutor, solte meu pai!”

Sua voz entrava em mim, como um grito de dor e de vergonha. Parecia querer acusar-me pelo próprio sofrimento. Eu procurava fugir aos seus olhos como me sentisse culpado por tudo. Por aquela longa noite de solidão e tristeza.

Procurei olhar a rua, como uma forma de esquecer aquele quadro. De fugir dele. E os olhos do menino procurando os meus, como quem vigia e tem medo de perder.

“Doutor, solte meu pai!” Aquelas palavras já começavam a ecoar dentro de mim, de uma maneira estranha, diferente. Já não como no princípio, uma súplica. Agora, era uma censura.

Como se o menino gritasse dentro da noite: “Doutor, eu quero meu pai!”

O mundo na Delegacia em silêncio. O sentinela, lá no alto, solitário. A voz do menino pobre, o rosto de fome, cada vez mais, dentro de mim:

“Doutor, solte meu pai!”

TOIN CABRAL

PETRÔNIO, EU QUERIA CONHECER, AINDA NESTA MADRUGADA, esse tal de “Toin” Cabral, tão comentado.

Fazendo ar de riso, Petrônio indicou: “Você vai encontra-lo na “Pensão de Pompéia”. Assinei o “Vale” do “Cuba Libre” e toquei para as Boninas.

No Cabaret indicado, fui logo dando de cara com o jornalista Williams Tejo, em cuja mesa eu sentei, dele pegando a promessa de me apresentar ao tão procurado Boêmio.

Salão cheio. Luz morna. Mozart, ao piano, dirigia uma pequena orquestra.

O acadêmico Hélio Soares, o advogado Aníbal Porto, o industrial Nivaldo Rique, o poeta Ronaldo Cunha Lima e o vereador Mário Araújo riscavam os passos cadenciados de uma rumba. “Aparício, traz um “Rom Merino”.

De repente, a orquestra passa a executar o tango “Mano a Mano”. Num gesto brusco, Tejo, puxando a gola do meu linho “Taylor S/120”, avisa: “pronto Chico, “Toin Cabral” é aquele bai-xote que se vai aproximando daquela mulher de vestido preto”.

“Toin” fazia, neste exato momento, uma reverência elegante, tirando uma loura oxigenada para dançar. O Boêmio logo des-pertou minha curiosidade. Vestia uma gandola branca, calça de tropical azul e exibia vistosa gravata de laço. Passei a observar,

com atenção. Ele dançava o tango e os seus sapatos D.N. B. mal tocavam o assoalho, parecia flutuar.

Ao passar perto de mim, notei que cantava ao ouvido da exuberante loura num “casteliano” forçado:

“que tu foste em mi vida paria,
uma mujer e nada mais,
tu presencia em mi bacana...”

Sacudia a dama para cima, e a amparava nos joelhos, numa exibição que levou os outros pares a desistirem da dança. Ninguém queria perder aquela cena.

Terminados os últimos acordes da música portenha, sob os aplausos do cabaret, “Toin Cabral” beija a mão da dançarina e se dirige para nossa mesa, ao mesmo tempo em que vai dizendo: “aprendi a dançar com um nobre espanhol, na cidade de Andaluzia, meu amigo íntimo, o conde Dom Pedrito Cabrera”.

Foi então, que suas mãos pequenas tocaram as minhas na apresentação, tão desejada: “Encantado, meu jovem. Cabral Sobrinho, Industrial e diretor das Linhas Aéreas Paulistanas”.

O P. S. D. DE RUY

MAL DESCIA DO AVIÃO, RUY CARNEIRO ENTREGAVA-SE TODO aos abraços do PSD campinense, inclusive de “Chico Anselmo” que o suspendia, num amplexo vigoroso, amarrotando-lhe o elegante tropical, em cuja lapela eu via uma pequena Bandeira do Brasil, em formato de escudo.

Antes da saudação, Ruy ia informando a cada um dos “invictos soldados pessedistas” o recebimento dos telegramas e cartas, quase todos pedindo emprego.

Abraçava, encostando o rosto ao do correligionário, gesto que nos dava uma sensação de intimidade e de orgulho. Ah, como eu ficava “ancho” quando Ruy Carneiro me chamava “baluarte da mocidade pessedebista!” eu já me sentia realizado. No mínimo, no mínimo, Procurador do IAPC.

Ainda no campo, ele começava a clássica saudação: “parai-banos de Campina Grande, acabo de chegar pelo Constellation da Panair!” Palmas, momentos de emoção e civismo.

Ruy pousava a mão sobre o meu ombro, como se fosse me dizer algo de muito importante e aquele gesto valia para mim como uma antecipação do Diário Oficial, trazendo minha nomeação. Sentia-me vaidoso, torcendo para que aquela mão que distribuía empregos na Legião Brasileira, no Loyd e no Banco do Brasil, permanecesse ali por mais tempo, para que todo mundo visse.



Finda a saudação, lá seguia a Caravana do Partido, à frente, o “Nasch” branco, do “compadre Alvino”, em direção ao Diretório, “palco de bravura e heroísmo”, na palavra inflamada do coronel Rodembush. A Ala Feminina a sacudir sobre a cabeça do “comandante de gloriosas batalhas,” no dizer de “Moço Amorim”, pétalas de flores.

Na Sede, começavam, então os discursos. “Mané Souto”, “Luis Pequeno”, Pedro D’Aragão, Artur Vilarim, Dr. Gióia e o professor Luis Gil, oradores que, no entender do velho Chico Maria, meu pai, “um advogado jovem como eu devia imitar”.

Ruy passava o lenço pela testa, levantava para mim o dedo polegar da mão direita e eu já me sentia no Pingüim, a gastar o meu primeiro ordenado, tomando cerveja e “Samba em Berlim”.

Junto de mim, calçando o Pellegrini e tendo na cabeça o chapéu Ramenzoni, “Pretinho” afirmava: “Ruy é que é o homem; o resto é besteira!”

O TRIO I I I

AI QUE SAUDADE DO “TRIO 111”!

Três moças, muito magras, muito compridas e que andavam sempre juntas.

O povo batizou de “Trio 111”.

A orquestra do maestro Apolônio tocava um bolero na matinal do “31” e lá ia o “trio” a dançar, porém separado. Cada “1” com o seu par. e como dançavam! Magras, leves, mal tocavam no assoalho os sapatos “Anabela”.

Terminada a parte, cada “1” voltava para a mesa. Estava formado o famoso “111”.

Durante o mês de maio, o povo passando para a Matriz, o sino chamando. Lá vinha o “trio”. Três véus, três rosários, três vestidos bonitos, três fitas na cabeça. E a cidade a olhar com carinho.

Finda a noite de fé e oração, a retreta do Esial. O “111” pra lá e pra cá. Passeando, rindo, namorando, dentro da noite sem pressa.

O cartaz do Capitólio anuncia: “Hoje – Sessão das Moças” “UMA NOITE NO RIO” com Dom Ameche. Cinema lotado. Rapazes querendo ser “drecos” faziam pose, fumando nas laterais. Lá no meio, o “trio”. Três meninas unidas pelo mesmo sonho, a mesma ilusão, na esperança de um namoro com Dom Ameche.

Foi uma noite de emoção e ternura. A fita, não só pela história, como pela música, tomou conta da cidade. Ali estava Dom Ameche, bem perto, no Rio de Janeiro, a mexer com o coração das moças. De vez em quando, em cada cena, um murmúrio, um suspiro de emoção.

Lembro-me bem! Na última cena do filme, um “1” não agüentou mais e caiu no choro, enquanto o “11” procurava consolar: “besteira menina, isso é uma fita”!

“E o amor nasceu
ao se encontrarem no Rio,
em um Café, numa noite de estio...”

Lá vai o “TRIO 111” saindo do Capitólio, para a retreta do Esial!

Três meninas e uma só emoção: saudade de Dom Ameche.

VELHOS CARNAVAIS

A RUA GRANDE, CHEINHA DE GENTE.

Casas amarradas pelas tiras de serpentinas. Máscaras a pular e a cantar.

O povo a brincar na liberdade do Carnaval. Carros de capota de pano fazendo o corso, carregando fantasias coloridas.

Palhaços, índios, arlequins, colombinas, mil faces diferentes para uma mesma emoção na alegria do frevo.

Música sinistra, cadenciada, meio triste, fazendo medo. É a “música da cana” que vem acolá, bem pertinho da Loja Iracema. Olha João Arruda com o jacaré nas costas, o corpo gingando, na zabumba da troça.

O cabeção imenso, pertinho do céu, trazendo, na cara pintada, um riso de Carnaval. É o “Zé Pereira viva o Zé Pereira”.

A bengala traçando um bailado estranho, sem rumo, solta. O fraque, a cartola, o pingüim pendurado no ombro. “Por que não chove cerveja?” E Omega, os olhos amortecidos, a fala de álcool, poeta, boêmio.

Meninas escondendo, por trás das máscaras, rostos bonitos, na batalha do lança-perfume comprado no “salão de Luís Rodrigues”.

De repente, um grito mais alto lá distante, bem na porta de seu Cherpach! Olha o estandarte vermelho e branco a dançar! É

o Ipiranga que vem. As “piniqueiras” cantando, batendo o compasso com alegria e suor.

O porta-estandarte é “Musga-Preta”, pintor e “pé de cana”, o corpo gigante, faceiro, dengoso, lembrando o “golquiper” em tarde de futebol.

“Eita!” Lá vem, na calçada da “Casa Guerra”, a bandeira azul e amarela, acenando, varrendo o mundo do Carnaval! Olha “Luis Bossa”, “Mariola”, “Passo Triste”! “É o Tudo nos Une”! e agora?

Rua Grande, dos velhos Carnavais do passado! Cadê os teus foliões?

“Aderbal do curtume”, Rei Momo. “Zé Santos”, o corpo magro, pequeno, pendurado na sombrinha. “Severino de Branco”. Otoni, “Zé Barreto”, Dedé Lampião”? Cadê os teus blocos? “Depois dá certo”, “Lero-lero”, Paulistano?

Campina que se foi, a cantar como um lamento triste:

“eu bem sabia
que este amor um dia
também tinha o seu fim...”

ZÉ AMÉRICO

TEMPO E NOITE DE COMÍCIO.

O povo, o tribuno, a praça pública.

“Volto! Voltar é uma forma de renascer
e ninguém se perde, na volta!”

É José Américo, abalando velhas e carcomidas estruturas,
gritando sentenças que hoje correm o mundo.

A multidão delira e é noite de liberdade. É a voz que fulmina a destruir conchavos, violentando segredos de manobras espúrias:

“Dizem que, em Queimadas, trocam roupas por votos; transação desonesta, porque, se veste o corpo, deixa a alma nua”.

O orador ferido, abandonando o discurso escrito, deixando que a palavra crie asas, saia solta, embora dita entre os dentes cerrados. A boca gritando verdades na resposta impiedosa, dura.

“Deus, conhecendo-lhe a maldade, atrasou-lhe a marcha”.
É um brado de honra ferida, atrevidamente ferida, pela paixão

das lutas políticas. Uma vida que virou História. A palavra que desconhece o medo, descobrindo aparências que, até então, permaneciam virgens:

“Aquele estrutura de gigante esconde uma alma de pigmeu”.

“Ele é mais fiel ao governo do que o chumbo da A União”.

Um homem de pé, firme, que não se dobra. O caminheiro de todos os caminhos, uma alma saturada de grandes destinos. A frase ferindo a noite, destruindo mitos, curvando cabeças sem receiar o revide.

É o poder da honra. Grito de quem pode gritar.

O povo, a praça, o tribuno.

José Américo salvando a Paraíba, gritando a coragem das mulheres do Sertão:

“Princesa, através das lentes embaçadas da minha miopia, vejo tuas mulheres vestidas de vermelho!”

A indiferença aos próprios triunfos, esquecendo as cicatrizes da luta ao estender a mão generosa aos inimigos de 30, como um gesto antecipado de perdão.

José Américo, ajoelhado, diante do Céu, a pedir num grito de fé:

“Sede benvinda, Oh Virgem peregrina,

Senhora do mundo!

Vinde por um mundo que se esgota e apavora,

Que tem fome e tem medo...”

O CONSELHO DE “MARIOLA”

AOS DEZESSEIS ANOS EU QUIS CONHECER O “CASSINO ELDO-
rado”, no bairro da “Mandchúria”. Colegas mais afoitos faziam
inveja, contando a respeito das mulheres que viviam ali, seus
momentos de prazer, suas aventuras.

E eu, cada vez mais ansioso para ir ao comentado cabaré. Pre-
cisava antes de tudo, acalmar o grito do sexo dentro de mim.
Eu queria ir, precisava ir, mas tinha medo. Medo de que algum
“chaleira” fosse dizer ao meu pai. Medo, ainda mais profundo,
do Juiz de Menor, Doutor Darci Medeiros.

Eu ouvia os nomes de “Celecina” – “Chiquinha 18” – “Zerife”,
“Balalaica”, e ficava triste, a pensar. E o célebre “Cassino Eldo-
rado” a mexer com uma vida que apenas começava.

– O “piston de Bochechila” – “a bateria de Zé Apolo”. O
molejo das ancas de “Sereia Negra”, durante a “Dança do Perfu-
mador”, bulindo com o pobre e já nervoso estudante. Parecendo
um sonho.

Eu precisava ir. Haveria de surgir, urgente, uma saída para
o problema que já estava invadindo o Pio XI – com uma apro-
vação no “pau do canto,” e as constantes reclamações do Padre
Odilon, dada minha ausência do recreio, das brincadeiras com

os colegas. Eu vivia num canto, calado, resmungando. A situação ficando cada vez pior. De vez em quando, a presença de “Balalaica”, um sonho moreno, gostoso... somente sonho.

– Um dia, na “fruteira de Cristino”, avisto, bebendo com Omega, Lopes de Andrade e Doutor Telha, o conhecido boêmio “Mariola”, freqüentador inveterado das noites do “Eldorado”, e paixão de muitas mulheres. Eis a salvação, a resposta para a minha angústia, pensei. Vencendo certa hesitação inicial, inclusive pela diferença de idade entre nós dois, conto a “Mariola” todo o meu problema, o meu apherreio. Conto, com a pressa de quem quer desabafar, de quem precisa de uma solução urgente.

Ainda hoje, passados tantos anos, guardo toda aquela cena, todos aqueles momentos de expectativa e de emoção. “Mariola”, tirando um trago do Odalisca, abre a boca num riso cínico, aconselhando: “garoto, para sua idade, o “Cassino Eldorado” oferece a “Matinée dos Bigodetes”, aos domingos.

Naquela hora, “Mariola”, para mim, cresceu, virou herói de fita de cinema. Ficou maior do que o artista da série “O Besouro Verde” que o pobre estudante assistia, insultando “Tubarão” – levando grito de “Seu Getúlio”.

O “MÊS DE MAIO”

O “MÊS DE MAIO” – O PÁTIO DA MATRIZ!

O sino dobra e o toque é uma canção de tristeza.

Começam a chegar os primeiros fiéis. As moças tristes, “filhas de Maria”, trazem sobre as vestes brancas e puras, a fita azul como uma legenda de fé.

Lá vêm, todas de preto, as mãos trêmulas contando as contas do Rosário, as beatas. Os olhos voltados para o chão, elas passam em silêncio como um quadro sem vida.

O menino vestido de anjo, querendo ser “croinha”, aprendendo a ajudar missa, pelo prazer de balançar o Turíbulo, como um brinquedo recebido das mãos magras de “seu” Anacleto, o velho Sacristão.

“Mês de Maio!” Vozes se elevam a Deus e o canto parece um coro eterno de almas puras suplicando amor.

“Oh Virgem Mãe querida,
Oh Lírio angelical...”

O “Bendito” – dentro da noite, é uma mensagem de esperança, mesmo cantada como um lamento.

“Queremos Deus que é nosso Rei,
Queremos Deus que é nosso Pai...”

O Cônego João Borges, a quem o menino tomava a bênção, depois de esconder, no bolso da calça curta, o pião de “pereiro” abençoa as cabeças cobertas pelos véus, entregando a “carne e o sangue do Senhor”.

Um mundo de fé, no mês de maio, tecido de contrição e ternura, ao murmurar a prece, no “puxar” da ladainha:

“Daí-nos a Fé.

Oh Virgem, o pranto abençoi...”

O sino tocando, distante, triste, e o menino vestido de anjo a balançar o Turíbulo, como um imenso e eterno brinquedo.

O SINDICATO DOS BEBOS

O “SINDICATO DOS BEBOS” É REFÚGIO DOS BOÊMIOS POBRES. DE VIDAS SEM DESTINO, SEM AMANHÃ.

A “Sede” é a venda de “Zé Quinca”, no “Beco de Zé Barbosa de Menezes”, embora, em suas “andanças” sinuosas, a “organização” ocupe toda a extensão da tradicional ladeira.

Meio filósofo, “Zé de Quinca” vai vendendo cana e tinta, justificando: “A primeira corta o veneno da segunda”.

Ali predominam os pintores de parede. Bebem, brincam, sonham e sofrem.

Entre um gole e outro de cachaça, vão relembando os companheiros que se foram: “Mota” – Agostinho, – Mestre João, “Camporra” e “Delo”, o último, orador de todos os momentos: “a mulher é como a lua; só mostra um pedaço”.

O “Sindicato” é mundo de todos. Unidos pela cana. Pelo sofrer. Pelo amar.

Ele abriga almas de onde a esperança, logo cedo, fugiu.

Pertenceu a “Caliça”, que bebeu, sozinho, duas garrafas de “Chora na Rampa”, pensando em comprar, com o dinheiro da aposta, o remédio para o filho doente. “Caliça” morreu, logo depois, sob o choro dos companheiros. O corpo magro, de fome, estendido no “Beco”, e a chuva molhando-lhe o rosto de espanto.

Seu dono foi “Biu Puta-Preta – a encher de glórias o time do Treze, fazendo vibrar as multidões em tardes de domingo”.

Foi “Zé Tombador”, pernambucano de Casa Amarela, o jeito manhoso, o corpo gingando, a pasta na mão – o discurso na boca. “Um operário é irmão do outro”.

Ah, o “Sindicato dos Bebos”! Refúgio de todas as vidas.

Às vezes, até de “Pedrosa da Livraria” e de “Dante 3 Quinas”.

“DATA VÊNIA – EXCELÊNCIA”

O DIPLOMA DE DOUTOR OSTENSIVAMENTE PENDURADO NA parede, como único prêmio pelos anos de estudo e sacrifício.

A Festa de Formatura, o discurso, o anel de rubi. Doutor! E agora, o mundo a conquistar! O concurso, o primeiro lugar, magistrado!

A toga, vestida pela primeira vez, sabe Deus com que emoção. O Juiz!

A primeira entrância, o Sertão distante, agressivo. O jovem Magistrado apontado pelo padre, o farmacêutico, o chefe político. “Aquele ali é o novo Juiz!” As primeiras homenagens. Uma vida a começar sem retoques. A realidade gritando, nas primeiras decepções. Um mundo a agredir a boa-fé, de quem ainda crê, de quem ainda carrega na postura e nas decisões os princípios aprendidos, com entusiasmo na Faculdade, no estudo da Constituição, a “Lei Magna”. “Todos são iguais perante a lei”.

O “Meritíssimo” olhou o mundo, contemplou o retrato do sorridente e esperançoso bacharel, recém-saído do “Templo da Justiça”, a cabeça feita de planos, cheia de ilusões, e recordou o tempo de estudante pobre. As madrugadas debruçadas nos livros com o estômago a gritar de fome.

Pra quê? A sentença hoje lavrada, a decidir destinos e patrimônios é o resultado de noites indormidas, pela vigília, pela pesquisa, na busca do saber “quem tem direito”. Pra quê?

Deixando de parte os litigantes, num gesto de cansaço, limpou o suor no rosto, sem esperança. Pensou na mulher doente, no filho que vai nascer, na vida sem horizontes.

A porta do lar humilde sempre aberta, para a cidade que tudo reclama.

Os interesses políticos contrariados; o Habeas Corpus; a decisão do último Júri. Uma vida sem defesa para as censuras quase sempre injustas, nascidas nos bancos da pequena Praça que é toda a Cidade.

Meado do mês, os vencimentos, já transferidos para o bolso dos credores em forma de prestação. Da máquina de escrever, da roupa, dos livros.

A reforma do título ameaçando protesto. A angústia, o medo, a depressão.

O Juiz apontando caminhos, decidindo vidas, prendendo, soltando, mas preso de si próprio. Escravo de um salário que pode fazer com que alguém, exibindo a conta vencida, entre em sua vida, sem precisar dizer: “DATA VÊNIA, EXCELÊNCIA”.

MENINO, SEMPRE MENINO

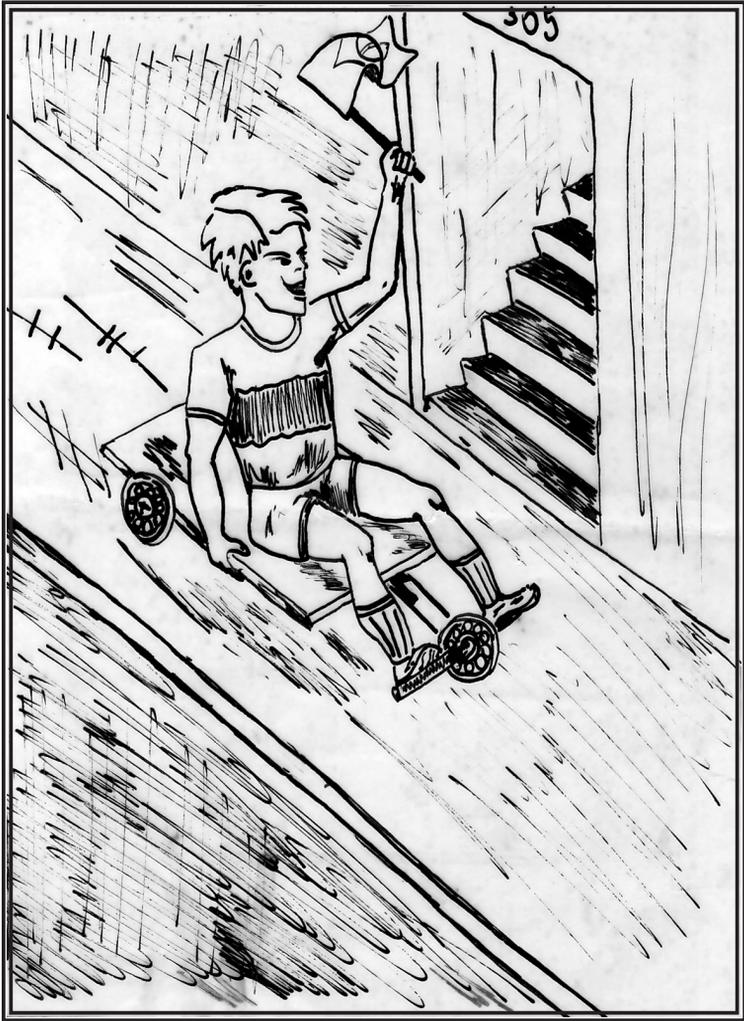
A SAUDADE TRAZENDO PAISAGENS DA INFÂNCIA, DEIXANDO A alma carregada de emoção. São instantes vividos num passado que já vai longe. O menino a correr pela cidade de ontem, na liberdade dos pés descalços, a camisa aberta ao peito, a bola-de-gude no bolso da calça curta.

Os anos não conseguiram matar em mim o desejo de ainda inclinar o corpo cansado, para a “queda-de-cebola”. E os meus olhos, espantados, continuam a olhar o “Zeppelin” riscando o Céu, quase torando a linha da “coruja” de todas as cores. Minhas pernas ainda correm no “Bordéu”, enquanto nas faces molhadas guardo a lembrança do derradeiro mergulho no “Porto dos Homens”.

Ainda apanho, na Petrópolis, os maços vazios de Elmira, Odalisca, para a minha coleção, e o espelho quebrado insiste em derrubar o balão que brilha lá no céu, como uma estrela colorida.

O meu “patinete” ainda voa na “Esquina do Padre” – e a estampa do “sabonete eucalol” continua marcando a página do Catecismo da Primeira Comunhão.

O botão “caculo” ainda chuta a bola de cera, enquanto a roupa de “caroá” me faz menino “dresco”, na série do “Guarda Vingador”.



O tempo passa e não vejo.

Menino continuo a insultar “Tubarão”, o velho porteiro do Capitólio;

A “inrascar” na “Escola de Dona Ambrozina”;

A tomar a benção ao Padre João Borges;

A ter medo de “Macaca-ôca”;

A “colar” o Circo Nerino e a correr de “Barrão 70”;

Na lembrança e na saudade, o laço de “Tom Mix” e o chapéu de Tim Mac Coy”.

No imenso carrossel de luzes coloridas, de “Seu Epaminondas” – sou “Buk Jones”, no cavalo branco, a brigar com um mundo que tenta roubar de mim, meus sonhos, minhas ilusões.

MARIA GARRAFADA

(*A Escola Primária do Amor*)

“MARIA GARRAFADA” VIROU TRADIÇÃO. TEM “RELEVANTES SERVIÇOS” prestados a várias gerações campinenses, incorporando-se com muita justiça, ao patrimônio histórico-sentimental da cidade.

Virou símbolo. É a “Prostituta de Campina Grande”. São trinta e cinco anos de sexo, de carnal desobediência à Lei e à Polícia de Costumes.

Ainda mora no “Beco da Pororoca”, em quarto humilde, em cujas paredes, sisudos e desbotados retratos de “destacadas figuras da melhor sociedade” são testemunhas mudas do “trabalho” noturno de Maria. Fotografias de médicos, advogados, comerciantes, ostentadas pela “horizontal”, com zelo e orgulho de quem guarda verdadeiros troféus, como se fossem medalhas conquistadas após memoráveis “batalhas”.

As cicatrizes estão, apenas, no corpo, pois a alma de Maria sempre fugiu ao “campo de luta”.

“Maria Garrafada” – era disputada fonte de prazer e ciúme. Manchete nos jornais, e Habeas Corpus na justiça.

Com o povo, Maria dividiu sua cama. Conhece-la, em seus mínimos detalhes, era exigência da moda.

Gozava da mesma popularidade de um Rocha, o Alfaiate; de “Alcides Burrego” – o Meia-esquerda; de “Cimento”, o Corretor; de “Zé de Almeida”, o Fanhoso das Multidões. Maria dormiu com Campina. Mulher de todos, no socialismo do coito. Ídolo dos meninos ricos, que estudavam, internos, no Recife, e que viam nela uma “escola” diferente, verdadeiramente “risonha e franca”.

Maria do mundo. Maria de Campina. O corpo alvo, de exuberantes curvas no esplendor da juventude.

“Maria Garrafada” – a “Escola Primária do Amor!” Ah, lições diferentes.

Maria é uma fase da vida de todos nós. Ainda hoje, vemos Maria dentro das noites do “Café de João Brabo” – a brincar entre os dedos com o símbolo de toda a sua vida: A CHAVE.

Maria não mudou nada. Apenas, o seu preço acompanha a inflação.

MINHA ROUPA DE LINHO BRANCO

AH, MINHA PRIMEIRA ROUPA DE LINHO BRANCO, O FAMOSO DIAGONAL “Taylor S/120”! Era uma imposição da moda, condição essencial para o jovem que se julgasse “dresco” – isto é, um elegante. O linho branco vestindo a estudantada nas matinais do 31, na retreta do Esial, nas fitas de Errol Flyn. Tanto aperriei, que o “velho” terminou comprando o meu “S/120” no “Magazine da Moda”. Escrito, na orela, em letras douradas: “Made in England”. O tão esperado pano, na mão e a dúvida a gritar: “Será do que treme?” Pois o “chic” era o linho “treme”, depois de bem amarrotado, balançando ao vento.

Corri para a Alfaiataria Rocha, na expectativa de mostrar ao mundo a “Roupa da Festa” – o meu “três botões”. Rocha, o rosto moreno, o bigode fino, a prometer, depois de muita insistência, “a primeira prova para quinta-feira”. E eu a contar os dias.

A mão trêmula do grande alfaiate marcando com o giz o lugar das ampulhetas. E o estudante a olhar-se. Vaidoso, diante do grande espelho de Modas e Confeções ROCHA, na Rua Grande. “Será do que treme?”

Numa tarde de sábado, sobre o sofá da sala de visitas, a roupa pronta.

O banho com o “Sabonete Eucalol” – a brilhantina Royal Briar disciplinando o cabelo tipo “Alemão”, o sapato “Pellegrini” completando a elegância do “bigodete” metido na roupa nova, pronto para conquistar o mundo, logo saísse para a rua. Rua que parecia mais bonita e alegre agora, a olhar o vaidoso estudante de cabeça erguida, dono do mundo, o cigarro Regência no canto da boca, e o “Taylor S/120” a tremer.

Lá ia eu olhando a vida, namorando Doroty Lamour, fazendo ciúme a Ray Miland.

Minha roupa de linho branco, “Made in England”, do que “treme”, no banco da praça, à espera da namorada; na Pensão de “Carminha” – dançando um Tango; na Procissão do Senhor Morto – como um ato de fé e de ilusão.

SORVETERIA “PINGUIM”

NÉLSON, DESCE UMA BRAHMA E UM PRATO DE “TIRA-GOSTO”.

Manhã de sábado, na Sorveteria Pinguim. “Bigodetes” discutindo os planos para o baile no Campinense, com “orquestra de fora”. Namoros terminados, ilusões recomeçadas, “linhadas” – música de roedeira.

“Ela quebrou três vezes e eu sem coragem de encostar”. A conta discutida na “porrinha”, no “bozó” – com a emissão do vale para ser pago com a próxima mesada. A velha radiola fazendo o fundo musical de inocentes e sofridos namoros:

“O amor
é uma pérola rara
que tem o fulgor do rubi...”

Rua Maciel Pinheiro. Quatro horas da tarde. A roupa “tropical maracanã” – o “sapato fox” – a cabeleira composta pelo Glostora. O estudante dono do mundo. A compra do “berilo” – da cianinha, do retalho de “Lamê”, justificando a presença da menina bonita, a desfilar com a amiga e confidentes. O cheiro de “Promessa” – “Jai Revien” – Itamaraty. A fita de cinema, a emoção de “Suplício de Uma Saudade”.



Campina entrando no “Pingüim”, de formas diversas. Comentários, ciúmes. A festa de Quinze Anos – a entrada no Clube, logo mais à noite. “Papai já pediu um convite a César”. Cartas de amor, mensageiras de tristezas e alegrias. O namoro renovado. O acerto para o encontro na “Missa das Dez”. Mal-tado, “Samba em Berlim” – “Pingado”. “Eu já comprei a mesa, pois a orquestra é a de Miguel Caló”.

A voz de Nora Ney, chorando, sensual, reclamando:

Ninguém me ama,
Ninguém me quer,
Ninguém me chama, de meu amor

“Pingüim”, velho refúgio de tantas ilusões. Ah, quanta vida passada! A ciranda a rodar destinos e caminhos. Cadê o estudante a exhibir a roupa nova, fazendo pose, a dançar o bolero, a namorar Hedy Lamar? Cadê a namorada bonita, de fita no cabelo e um jeito de denego, no rosto, de inocência?

Lá se foi Dick Farney a embalar os sonhos de uma cidade menina:

“Todos nós temos na vida,
um caso, com uma loura...”

ENTERRO DE MENINO POBRE

MENINO DE GENTE POBRE, QUANDO MORRE É “ANJO”.

Na Liberdade, no Moita, na “Cachoeira” – bairros feitos de trabalho e pobreza.

Enterro de menino pobre! Cena comum, pela repetição de todos os dias.

Os pais do “anjo”, sem luto e sem choro, na indiferença das almas sofridas e de onde a esperança fugiu.

É tudo muito simples. Horas antes, meninas brincalhonas procuram as casas ricas, de bem cuidados jardins e gritam do portão o pedido: “Dona, me dê umas flores pra cobrir um “anjo”. Flores dos ricos enfeitando a morte dos pobres.

Crianças da vizinhança, mal vestidas, “rouge” no rosto e fita nos cabelos, correndo, rindo, falando alto, uma vez que o hábito tornou aquilo quase um divertimento, sustentam pelas alças de fitas o pequeno caixão azul.

Lá vai o enterro, ligeiro, sem despertar atenção, pois todos os dias o céu recebe “anjos” – pretos ou brancos, todos pobres.

Sem ligar a vida, sem ligar a morte, chapéu debaixo do braço, segue, ao lado, o pai do pequeno morto.

Mãos inocentes carregam grinaldas sob a vigilância de alguma comadre ou madrinha que tudo arrumou.

Lá vai o “anjo”, com o enxoval do batizado!

Enterro de menino pobre! Sem choro, sem nada. Diferente. Igual, apenas, no caminho único, de todos, dos meninos ricos também.

“CAPÃO, CADÊ TEREZINHA?”

MEU DEUS, POR QUE O MUNDO É ASSIM?

Ah, o velho palhaço, abandonado! Enquanto podia ser visto nas ruas a receber toda a sorte de humilhações, conseguia levar para o quarto humilde, como uma recompensa perversa, o “pão de cada dia”. Ia arrastando a vida, assim mesmo. Deus é testemunha de quanta amargura lhe ia na alma.

Morto, ontem deixou o palco, virando cruz plantada no chão frio. Quem soube? Ah, o palhaço, esquecido pelo povo que ele tanto fez rir!

Dele, a cidade sugou até as últimas forças, tudo o que ele tinha para oferecer. Momentos de graça, de ridículo. Por fim, roubou-lhe a vida. Mas ele precisava continuar palhaço. Mas ele precisava calar o grito de fome, do estômago vazio, que é um grito mais alto do que os outros. E tinha de ser assim.

A fome da irmã, dos sobrinhos. A graça feita, o povo pagava e ele seguia a vida. Era um destino-palhaço.

Nunca mais ele voltará ao grande palco das ruas. Morreu em abandono, solitário. A cidade esquecera o seu nome. O pobre palhaço morrendo um pouco, todos os dias, arrodado de miséria, longe dos apupos da platéia insensível.

Cadê as vozes escondidas que lhe chamavam ladrão? Cadê o mundo que ria ao vê-lo chorar? Quantos desses foram até ele, levando um pouco de carinho, e quem sabe, talvez a última esmola, mesmo em troca da derradeira humilhação?

Quantos? E para que, se ele já não podia fazer graça? Se a sua voz morreu na garganta, como um grito de lenta agonia, feito de fome e solidão?

Ah, Campina esqueceu o seu palhaço!

Nunca mais, nunca mais, você ouvirá a cidade ingrata abrir a boca perversa para perguntar ao mundo: “CAPÃO, CADÊ TEREZINHA?”

Dorme em paz meu pobre e esquecido “BARRULA”.

CIÚME DE DOROTHY LAMOUR

A FITA ERA “ALOMA, A PRINCESA DAS SELVAS”.

Vesti minha roupa de caroá – passei Royal Briar no cabelo “alemão” e penetrei no mundo do Capitólio. Ia viver as emoções que Dorothy Lamour – minha primeira namorada, transmitia ao menino apaixonado.

Ah, Dorothy Lamour, na tela do Capitólio, rindo para mim, cantando uma canção de amor selvagem. Minha Aloma, meu primeiro ciúme. Ela vinha, descuidada, o corpo moreno escondido no “sarong”. Os pés marcando, no chão, coberto de folhas, o ritmo preguiçoso da música misteriosa, que parecia sair das entranhas da selva.

Lá surgia, para despeito meu, Ray Miland. Ele vinha ao encontro de Aloma e, tomando-a nos braços, beija-lhe os cabelos compridos.

Ah, meu sofrimento, vendo o meu primeiro rival. Que vontade de desafia-lo, para um duelo – mesmo ali, na presença da “Princesa das Selvas”.

Eu, Tim Mac Coy, montado no meu cavalo branco, tendo aos pés, humilhado, vencido, Ray Miland.

Eu levando, na garupa do cavalo ensinado, Dorothy Lamour, minha morena linda, lá para bem longe do mundo.

A carreira louca, os cabelos negros e longos de Aloma, soltos ao vento, vivendo a liberdade daquele momento carregado de eternidade e de ilusão.

A fita passava, o beijo final, mas, dentro de mim, em casa, na missa, no recreio, no carrossel, Dorothy Lamour permanecia mexendo com o pobre e inocente menino, jogando com a minha vida. Ela era meu brinquedo, meus estudos, meu mundo. Minha alegria, minha tristeza.

Via o seu rosto moreno, na capa da revista “A Vida Doméstica”. Recortava-o e ia prega-lo, bem juntinho do meu retrato da “Primeira Comunhão”.

Minha primeira roupa de calça comprida, e o “sarong” de Aloma – num contraste inocente.

Dorothy Lamour, meu primeiro pecado.

FESTA DE NATAL

TEMPO DE NATAL.

O pátio da Matriz era um mundo de luz. A cidade na rua vestindo a “Roupa da Festa”. A “Noite dos Motoristas”. Foguetões espocando no céu, businas gritando. Campina Grande debruçada nas janelas, de almofadas coloridas, a saudar o cortejo barulhento. Lá vem “Pedro Baiacu”, o charuto na boca, a comandar o desfile na direção do Oldsmobile, seguido de Hortêncio, Cirilo, Arlindo, Zé Lucas. A caravana passava, longa, morosa, apitando como um só grito de alegria.

O “Pavilhão Deus e Caridade”, o Carrossel de “Seu Epaminondas”. Meninos brincando. Os homens bebendo cerveja “Teutônia”. As mulheres passando, fazendo a Retreta. A Banda de Música, no Coreto, sob a batuta de maestro Nilo Lima. “Sá Zefinha”, “Quebra Resguardo”. O menino insultando o velho “Padeiro” – magro, pequeno, tocando na Filarmônica, como queria minha mãe que eu chamasse. A Filarmônica Municipal passando pela Rua Grande e o menino seguindo atrás, na liberdade dos dez anos.

O Natal em todos os rostos. O Natal em todas as ruas. Rua do Progresso, “Beco das Boninas” – Rua da Areia, Rua do Algodão, “Beco do Esfolo Bode”. Ah, velhas ruas da cidade de ontem!

A Matriz era um mundo de fé. O menino, vestido de “anjo”, a balançar o turíbulo, enquanto, lá do “coro da Igreja”, as vozes

das “Filhas de Maria” “puxavam” o Bendito. O Padre João Borges abençoando a Cidade.

O cuidado de levar na cabeça as cadeiras para o Pátio da Festa, como forma de aumentar o número de voltas no Carrossel, a girar como uma ciranda de luz.

“Vitrine”, “Oião”, “A Tesoura”. “Lagoa de Roça” – “Piaba Assada”. “A Roda Gigante”. A menina bonita, de vestido novo, comprado na Casa de “Seu Guerra”. O namoro na Retreta. O Natal que morreu. O sino da Matriz está mudo, e a cidade parece ter esquecido a “chamada” para a “Missa do Galo”.

A VELHA CAMPINA

CAMPINA GRANDE, DE QUARENTA ANOS PASSADOS, ERA A “RUA Grande”, hoje, Maciel Pinheiro. Ali estavam o comércio, a política, o inverno. Ali faziam Medicina, receitando a Cidade, os médicos Elpídio de Almeida e Severino Cruz.

Uma vida sem pressa, a caminhar em passos cansados. “Seu Guerra”, velho e de cabeça branca, o pescoço amarrado pela gravata borboleta, a vender pano, o metro na mão trêmula.

Tito Sodré, vestido na farda da Guarda Nacional, fazendo nascer em mim a vontade de ser soldado. Soldado como aqueles outros meninos que passavam, marchando, trazendo, às costas, espingardas de pau, levando carão do “Tenente Alfredo”. A formatura a se estender até a Lapa.

“Seu Cherpac” – um “galego” de fala estranha, de bigode e charuto, a quem eu pedia para fazer as rodas do caminhão de brinquedo. O “Cine Apolo” – o “Éden Clube”. O “Cine Apolo” a mostrar Harold Loyd, o meu primeiro artista. O “Bilhar de Cícero Campina, com “Zé Teles”, tacho na mão, e “tacada” na lousa. A “Casa Iracema” – o bar de “Pula Varanda”. Lá vem, perto da relojoaria de José Eloy, um homem de barba grande, o rosto redondo, caminhando, ligeiro, escada na mão! É Zé da Luz. E eu “desembestava”, até o “Vapor de Luís Lauritzen”, nos Paus-Grandes, com medo. Medo, que não me deixava olhar para

Doutor Camboím. O corpo gigante, um rosto de menino, as mãos enormes a segurar o motor, a rasgar o dente de um Buck Jones a chorar de pavor. O dente doendo, e eu correndo pra comprar “Beladona” – na Farmácia de Júlio Honório, onde Américo Porto, Chico Maria, Evaristo Freire e João Leôncio, apontando com as bengalas para o céu, procuravam descobrir sinais de chuva. A “Sopa da Garagem Grande”, parada no “Beco do 31”. O “Burro Canário”, a adivinhar a idade das moças. A “Feira de Amostras” – o “Castelo de Bronze” – o “morcego”, na Burra do Café São Braz. O “Hotel de Nozinho Estreito” – o Armazém de “Necoelias” – o soldado conduzindo o preso, para o Paço Municipal. A padaria de “Seu Jovino”. As desordens de “Zé Cobó” – a Procissão, o Senhor Morto, carregado nas mãos de Júlio Ferreira, João Rique, José Barbosa, João Pimentel.

O “Lero-Lero” – “Tudo Nos Une” – A “Música da Cana” – nos Carnavais de Neco Belo.

A cidade vestida de domingo, para a “Missa das Dez’ – a desfilar pela “Rua Grande”.

GERENTE DO BANCO DO BRASIL

DURANTE O SONHO, O TELEFONE TOCAVA. DUAS HORAS DA manhã. De Brasília, Newton Rique avisando que “Nestor lost havia assinado minha nomeação para gerente do Banco do Brasil, agência Campina Grande”. Cumprindo recomendação do amigo banqueiro, guardo a notícia só para mim e procuro recobrar o sono, já preocupado com a responsabilidade decorrente da difícil missão.

Cinco minutos depois, nova chamada. Alguém se dizendo amigo de infância, a desejar “pleno êxito no exercício da árdua tarefa”. Agradeço e, mal termino de colocar o telefone no gancho, volto para atender o terceiro telefonema. Outro amigo, também como o anterior, querendo, “sem qualquer interesse” – fez questão de acentuar – abraçar-me através dos fios da Telpa. Perguntou a hora da posse, e se eu estava “a precisar de alguma coisa”.

Concluí, como era natural, que o “Calçadão” já sabia da notícia. O sigilo exigido por Newton já não existia. Tal raciocínio foi confirmado com a chegada, à minha casa, às três horas da madrugada, de bem uns dez automóveis. E o telefone não parou mais. Vozes amigas relembando “uma amizade que vem

do tempo do menino”. Da bola de gude. Da castanha. “Meu pai, você precisa saber, jogou muito “relancim” com o velho Chico Maria”. E chegando mais gente. Empresários, comerciantes, colegas de outros Bancos. Turma delicada, a rir por qualquer besteira que eu dissesse. Tapinhas nas costas.

Broches do “Lions” tirando imaginários ciscos da gola, do surrado pijama que eu vestia. O “Soçaite” admirando o “pedigree” de “Ronie”, um pobre e manso vira-lata. “Chico Maria, você é o Rubem Braga do Nordeste”. E chegando novos elogios em forma de outros amigos.

Súbito, como num passe de mágica, litros de “Chivas Regal” – “Dimple” e “Presidente” – para surpresa minha, apareceram no bar, onde eu guardava humildes “Drurys” e envergonhados litros de “Caranguejo”. Sobre a cama surgiram, ninguém sabe como, três cortes de “Terylene” – um aparelho de fazer barba e uma elegante e distinta “007”.

O sono chegando, a posse se aproximando, mas nada de poder dormir. Novos carros, novos abraços, novos oferecimentos “despidos de qualquer interesse”.

Lembro bem que, já dia claro, eu via passar pela rua, sozinho, a pé, o ex-gerente, o “Rei-posto” – enquanto em minha casa, mãos empresariais erguiam um brinde a Nestor lost “por tão feliz e oportuna escolha!” Palmas, abraços.

Lá de dentro da cozinha o grito do Comércio e da Indústria: “isso sim é que é gerente!”

RUA DO ALGODÃO

O MENINO A PULAR SOBRE OS FARDOS DE ALGODÃO ESPALHADOS na rua. Na “Rua do Algodão”. A brincar a vida, cabelos soltos ao vento.

“Chapeados” passavam, curvados sob o peso dos fardos, molhados de suor, a camisa de brim a destacar a forma dos músculos.

A vida passava mansa, quase em silêncio. Era uma manhã carregada de cinza. Lá no “Armazém de Vieira da Rocha”, uns homens falavam de chuva, apontando com a bengala para o céu, mostrando as nuvens escuras, anunciando a chuva.

Vieira da Rocha, bem vestido, calmo, parecia alheio a tudo, conversava com o velho “Seu Agenor da Padaria”.

E o menino brincando, indiferente aos gritos dos chapeados, olhando para as “Boninas”, com medo de que, dali, surgisse “Macaca-ôca”, a doida, a correr acabando a brincadeira de “faroeste”.

“Macaca-ôca, oca...” E ela, magra, pequena, a cabeça sempre coberta por um pano, provocando o riso da cidade.

“Macaca-ôca” no “Beco do 31” – na “Praça do Relógio”, nos “Paus-Grandes”, na “Sopa da Garagem Grande” – seguindo a “Burra do Café São Braz”, pedindo esmola na “Farmácia de Júlio Honório” – brincando no “Bilhar de Cícero Campina”.

E o menino correndo, o medo nos olhos, o medo nas pernas, procurando refúgio na “Fruteira do Cristino” – na “A Simpatia”, onde comprava a linha “Urso” para soltar minha “coruja”. Minha “coruja” de todas as cores do mundo, a balançar lá no céu, como uma estrela de brinquedo.

Ah, minha cidade de ontem! Cadê os fardos de algodão espalhados na rua?

Cadê o avião de Severino Nogueira a riscar o céu? “Cimento, cadê Caliça?” “João Hollywood” – “Seu Cherpac” – o “Hotel de Trajano” – o Júri no Paço Municipal – “o Caldo-de-Cana da Pracinha” – “O Besouro de Luís Lauritzen” – “A Passeata do Ferro” – Bocarelli tomando cerveja – “Zé Iracema” fazendo “gol” em tardes de domingo.

Cadê a poesia e a beleza da cidade que se foi? De uma vida que passava, mansa, sem pressa, sem medo, até mesmo quando todos os meninos gritavam: “Barrão 70!”

O PORTEIRO ERA TUBARÃO

OS DEDOS DOS PÉS ESPIANDO PELOS BURACOS DOS SAPATOS estragados, os cabelos assanhados a esconderem as pernas dos óculos, amarrados por um cordão, a cara de fome, o porteiro era “TUBARÃO”.

Tarde de domingo. Do bolso da calça curta, puxo o ingresso, mergulhando no mundo de aventura e emoção da “Matinée do Capitólio”. Aviões de papel cruzam o ar, fazendo piruetas sobre a cabeça do menino cheio de espanto.

Cascas de amendoim, papel de “bombons”. Gritos, assovios, troca de tapas, berros de “É pra hoje!” “Tubarão!” Procurando fugir do barulho, muitos tapavam os ouvidos com as mãos.

De repente, um aviso, uma senha, a pular de cadeira em cadeira: “Lá vem seu Getúlio!” Silêncio. Até os pequenos aviões suspendiam os vôos, recusando deixar suas bases. A anarquia a morrer na garganta.

O corpo longo, fino, os óculos no rosto severo, lá vem “Seu Getúlio”.

No cinema, na missa, no “Beco do Emboca” – na retreta do Esial, a cara de “Seu Getúlio”, dono dos “artistas e bandidos”, imprimia respeito, fazia medo.

O “puxavante de orelha”, antes da lição de moral: “Cafajeste, moleque atrevido, pra fora!” O dedo enorme apontando o caminho da saída. O anarquista na pracinha, perdido o terceiro capítulo da série “Flash Gordon no Planeta Marte”. Perdidos os quinhentos réis de ingresso. Fora de combate mais um inimigo de “Ming”.

“Flash Gordon” voando, lutando, vencendo “Ming” – mas deixando o golpe final contra o “chefe dos bandidos” para o “próximo capítulo”. Aviões misteriosos seguindo caminhos que, mais tarde, eu vim a saber que eram feitos de ilusão e de inocência.

Terminada a fita, não mais existindo o perigo de ser posto para fora do cinema, recomeçava a anarquia, como que um gesto espontâneo de solidariedade ao menino que, tendo sido expulso, procurava saber se “Ming” havia conseguido aprisionar Flash Gordon.

A revolta não era contra “Seu Getúlio” – pois ele era quem mandava em Flash Gordon – Tim Mac Coy – Tom Tiler – Hermany Brick – no “Gordo” – no “Magro” – Buck Jones – no “Besouro Verde” – no “Guarda Vingador” e em Tom Mix.

A vingança era contra um “bandido” magro, a cara de fome, as pernas dos óculos amarrados por um cordão. O “bandido era “TUBARÃO”.

QUERO É ESQUECER

PEDE-ME UM LEITOR QUE EU CONTE, ATRAVÉS DO “CONFIDENCIAL”, alguns casos por mim resolvidos, durante o tempo em que estive na Delegacia de Polícia.

Ah, meu estimado companheiro, se você soubesse o que se passa ali, se você visse o que eu vi!

Meu irmão, uma Delegacia de polícia é um mundo tecido de lágrimas e de medo; de sangue e desespero. É uma noite que não acaba nunca.

Quero é esquecer.

Esquecer os gritos de Joventina, a Louca, a jogar de encontro às grades, o corpo que mal desabrochava dos quinze anos, enquanto em seu rosto moreno nascia uma rosa de sangue; de “Tião”, o menino a chorar de fome e de medo; de Juvenal, o operário a rasgar com as próprias mãos o rosto, em fúria, no delírio da maconha, como uma visão do inferno; daquela mãe, de joelhos, aos meus pés, a implorar, com o Rosário entre as mãos, a liberdade do filho; do ferrolho das celas a gemer como um grito solitário, perdido na imensidão dos corredores; dos mortos sem nome, os corpos rasgados na pedra fria e tendo os olhos sem luz.

Eu quero é uma manhã banhada de sol e uma criança a sorrir. A vida a girar como uma ciranda de amor.

É ouvir Joventina a cantar uma cantiga de ninar, tendo no colo a filha que não nasceu louca.



É ver “Tião” a correr, a brincar a vida, trazendo, no rosto-criança, um riso de inocência.

É ouvir Juvenal a gargalhar para o mundo, as mãos calejadas, na mensagem de paz e liberdade.

Eu quero é esquecer o que fui e o que vi, para que eu possa, novamente, olhar a manhã que surge como uma aurora nova de esperança e amor.

AUDIÊNCIA

AUDIÊNCIA. CRIME DE SEDUÇÃO. SALA REPLETA DE ADVOGADOS, estagiários, além de alguns curiosos. Todos indagando a respeito do Fato, inclusive nos mínimos detalhes. A “Ofendida”, broto sensacional, morena cor de canela, seios agressivos, no esplendor dos quinze anos. O Promotor Hélio Soares, que não tinha competência para funcionar no caso, pois a Vara não era sua, e sim do Doutor Agnelo Amorim, insistia em emitir sua opinião, inclusive procurando saber pormenores da Sedução.

O Doutor Hélio, na busca de saber hora, local, etc... E o Juiz olhando, calado, na expectativa do Interrogatório. Súbito, Dr. Agnelo, pondo de lado o cigarro de palha, advertiu: “Hélio, a Vara é a minha”. E os olhos da Justiça – no momento, sem a tradicional venda, espiando as coxas que pareciam querer rasgar a apertada “mini-saia” da inocente vítima.

E chegando mais gente. Doutor Manoel Casado, Doutor Manoel Figueiredo, Doutor José Gaudêncio de Brito, Doutor Octávio Amorim, todos querendo interferir, na disputa para alcançar ou exercer as funções de “Auxiliar de Acusação” – “sem o pagamento de honorários por parte da genitora da Ofendida”, – segundo afirmavam os notáveis causídicos. Salta o eminente civilista “Zequinha Gaudêncio”, (tem verdadeira alergia ao Direito Penal) – e indaga: “será que o exame de conjunção carnal

está assinado pelos dois peritos?” Antes de qualquer resposta, por parte do Promotor Agnelo Amorim, o Professor Manoel Figueiredo, com um jeito manso, lança uma outra pergunta: “o acusado prometeu casar?” Cada um dos ilustres e respeitáveis bacharéis que, de “maneira desinteressada” – se mostrasse mais sentido, mais penalizado – com “tão brutal delito”.

E a vítima, descontraída, o corpo lindo a suscitar desejos, trazendo nos lábios um jeito de denego.

Em dado momento, também querendo demonstrar minha solidariedade, tento mostrar uma nulidade processual e sou expulso da sala, empurrado que fui pelos protestos dos renomados juristas. Já transpondo a porta, insisto na nulidade, advertindo: vocês, colegas, esqueceram o mais importante! “o que foi?” perguntou Zequinha Gaudêncio. “O que foi?” Indaga Manoel Figueiredo. “O que foi?” Quer saber o Doutor Octávio Amorim. Tirei o Hollywood da boca, ajeitei a gravata e gritei: “ESQUECERAM DE JUNTAR AOS AUTOS O INSTRUMENTO DO CRIME!”

MÁRIO BACURIM

A SATISFAÇÃO DE REENCONTRAR, NO BAR SAVOY, NO VELHO Recife, o “Sr. Mário Gomes”. Sr. Mário – bem posto e vestido como o mais autêntico executivo. O elegante “blazer” – a pasta 007 – a longa piteira – o cartão de crédito.

Entretinha-se com o empresário Humberto Almeida, numa conversa estranha para mim. Era “Know-How” – “Marketing” – Custo Operacional – numa postura de quem cuida e guarda milhões. E eu, na dependência de “bigu” – forçado a escutar aquele trocar de conhecimentos entre os dois homens de negócios.

Agüentei, até quanto me ajudou a paciência. A conversa na base de guaraná – do suco de laranja, já atingindo a duração de duas horas. O calor do Recife. A zuada da vida na Guararapes. E nada melhor que mudar de assunto.

Chateado, deixei de observar o Sr. Mário Gomes, nele passando a admirar o boêmio do passado. Passei a brincar com “Mário Bacurin”, o amigo pontual de todas as noitadas, no Cabaré de Carminha Vilar, Pompéia, e, às vezes de Bahiana.

Em lugar do “blazer” eu via o “Três Botões” de tropical maracanã, cortado por Rocha, as ampuhetas lembrando a roupa usada por Dom Ameche, na fita “Uma Noite no Rio. A cabeleira ondulada, na força de Glostora, os pés metidos no famoso D.N.B

Via “Mário Bossista” dando uma exibição de tango, ao som de “La Cumparsita”. “Maruque”, ciúme e preocupação da Rua das Boninas.

O elegante “Bacurin” – de calção e chuteira, querendo imitar Zizinho, na meia-esquerda do Jacareacanga, no “Picado de Dona Naninha”, dando “purrute” no Capitólio. Via o professor de bolero, na famosa e já distante “Escola de Adelma”. O “pé-de-ouro” bailando com as meninas do “Trio 111” na matinal do 31.

Eis o Mário que eu vi, naquela manhã banhada de sol, do Recife, embora o famoso boêmio insistisse em ser o “Sr. Mário Gomes”, vitorioso executivo, com audiência marcada na Sudene. O grande amante, para tristeza minha, esquecido de “Mário Bossista” – o “Gostosão” – a mergulhar na madrugada de uma Campina já distante. O “Mário Bacurin” a dançar uma Rumba, na Pensão de Bahiana, a comer uma “Cabeça de Galo” no “Café de João Brabo”.

MINHA PROFESSORA

DONA AMBROZINA, O ROSTO MAGRO, SEVERO, A FALA LIGEIRA.

A “puxa” comprada a “Dona Toinha” – escondida no bolso da farda do Grupo Sólton de Lucena, lambuzando a ponteira do pião de “pereiro”, feito no “Torno de Vicente”.

A “Carta do A.B.C.” – a Caligrafia – o “crayon” – a lousa. “Quem tirou o giz daqui?” “Foi Chico”. E o “puxavante” de orelha fazendo lágrimas nos olhos do menino. A mangação dos meninos fazendo nascer dentro de mim o desejo da vingança primeira. Vingança, que eu cumpria no caderno comprado na Livraria Moderna, a desenhar a figura da Dona Ambrozina, a Diretora do Grupo. A velha Professora, de muletas, arrastando o corpo magro, atropelada por mim, na “Esquina do Padre João Borges” – quando eu ali voava, pés descalços e a camisa aberta ao peito, como asas de liberdade, montando o meu carro de “rolimã”. Dona Ambrozina chorando, sua dor doendo, pedindo ajuda para ir até ao recreio. E eu não ligava, a brincar de “patacho” – a trocar “refugio” para a minha coleção de cigarro. Ah, minha coleção de cigarro! Regência – Odalisca – Selma – Elmo.

Minha velha e querida Professora! O recreio acabou. Tanta vida passada.

Lá vem Dona Ambrozina, o vestido humilde, a marrafa prendendo os cabelos brancos, o andar cansado, atravessando a Rua

Afonso Campos. “Bom-dia, Professora!” “Como vai, meu aluno?”
E eu voltava ao Grupo, vestindo, novamente, a farda azul e branca, a brincar com a Professora, agora, ainda mais bonita, mais alegre, livre que estava sem muletas, a cantar o Hino a João Pessoa.

A manhã feita de sol no recreio, e o menino de novo a brincar de “academia” – a jogar o pião roncador.

Lá se foi Dona Ambrozina... O rosto sem vida, os lábios fechados, as mãos em abandono, como uma derradeira lição.

Adeus, minha velha e querida Professora! “Deus te dê o Céu”.

DONA APOLÔNIA

A VOZ FANHOSA, DE DONA APOLÔNIA AMORIM, ECOAVA PELOS corredores do “Sólon de Lucena”, suspendendo a “estica” da bola de “gude”. “Os meninos, aqui; as meninas, daquele lado”.

Lá ia eu escondendo, no bolso da farda, a “puxa” comprada por um tostão a dona “Toinha”.

O rosto severo da Professora carregado de emoção; “Meninos, hoje é aniversário da morte de João Pessoa!”

O Grupo escolar seguia para a estátua do “Presidente”, e eu pensava que João Pessoa era um dos artistas da Série que o cartaz do Cine Apolo estava anunciando, onde aparecia o retrato de um homem cheio de sangue, morto pelo chefe dos bandidos, a quem a revolta de Dona Apolônia chamava o “traíçoeiro João Dantas”.

Por isso, João Pessoa crescia no meu respeito e admiração. Eu tinha pena dele. Procurava cantar mais alto do que os outros meninos, quase chorando, o hino tantas vezes ensaiado:

“o teu vulto varonil,
vive ainda, vive ainda,
no coração do Brasil...”

Eu vibrava, na minha farda azul e branca, ouvindo uns homens de retorcidos bigodes e armados de bengalas, cantando

como eu. Eram “os a favor” do Presidente. Dali, com certeza, eles iriam partir em busca de uma vingança, como fita de cinema.

E João Pessoa, ali, de pé, mais alto do que o povo, no silêncio do bronze. E eu, a carta de ABC, gritando para o mundo uma história de sangue e esperança:

“João Pessoa, João Pessoa,
bravo filho do sertão,
toda a pátria espera um dia...”

PARA UM MENINO MORTO

ERA UMA MANHÃ DE SÁBADO.

E você, meu menino morto, correu para brincar a vida.

Você deixou o lar humilde, inocente, rindo, chutando a bola e o mundo.

Na liberdade dos dez anos, você pisou o chão da “Cachoeira” maldita, marcando um caminho sem volta.

A grande e misteriosa noite surgiu e o seu grito de menino ferido, com medo, perdeu-se na imensidão da favela que é um grito mais alto do que o seu. É grito de fome e de vergonha.

Como um pássaro que ainda precisava do aconchego do ninho, você voou dentro da noite fria. Você, que era vida, caminhou o caminho da morte.

O seu rosto-menino estava feito de sangue. Em seus olhos parados, uma súplica perdida. Em suas mãos sem o brinquedo, um gesto derradeiro, como o aceno sem resposta. E você chorou, gritando, o grito da última agonia, como um gemido a despencar, solitário, no abismo.

Hoje, meu pequeno Edí, você virou saudade. Saudade nas lágrimas que sua mãe e outras mães choram. Sim, meu menino morto, porque muitas mãos que abençoam, que contam as contas do Rosário, durante a prece carregada de fé, também estão suplicando para que outras crianças, inocentes como você,

possam fazer da vida um eterno e imenso brinquedo. Há vozes que clamam aos céus que a brincadeira, começada por você, continue pelos subúrbios distantes.

Ah, meu pobre Edi! Você se foi... E a bola que você carregava naquela noite já tão distante, é um aceno abandonado de adeus.

É um grito de saudade que se ouvirá eternamente.

CARLINHOS

UMA FREADA BRUSCA, COMO UM AVISO SINISTRO, E UM GRITO de dor.

No chão frio, um corpo de menino na agonia da morte.

Em seus olhos, como que uma pergunta, mais do que um pedido de socorro.

Carlinhos, aos dez anos, fazendo nascer no asfalto uma flor de sangue.

Vestia a farda do Colégio. Rasgados, ao vento, livros e cadernos, com o futuro partido. Um destino que, apenas, começara. O menino morto.

Ele que era todo esperança, como uma vida que nasce, uma flor que começa a receber os primeiros beijos do sol.

Por que Deus deixou que fosse assim? Carlinhos, riso de inocência, alma virgem de pecado, ali, parado, os olhos sem vida. Ele que era pássaro-menino, a correr, sem fronteiras, a brincar a vida. Suas mãos são um gesto de abandono, num adeus, apenas começado. Carlinhos, flor de dez anos. Um brinquedo que Deus fez quebrar.

É um riso que não chegou ao fim. Por que deixar morrer um menino? Será um arrependimento do Criador? Um momento de dúvida? Por que calar na garganta palavras inocentes que, apenas, expressavam o lado bom da vida?

Não! A morte de um menino é um engano de Deus. A linha da “coruja” e a bola de gude, abandonadas, ninguém conseguirá entender.

O corpo de Carlinhos é uma flor de sangue no asfalto da rua.

VELHOS ESTANDARTES

“NO TIROL, NO TIROL,
só se canta, assim...
Lero-lero – Lero-lero”

Lá vem, no “Bar Macaíba”, “Zé Nogueira” fazendo o passo, conduzindo a bandeira preta e encarnada, a dançar ao vento da Cidade que se transformou em Frevo. É o bloco que chega. É o “Lero-Lero”.

Álvaro Machado, o “Gato Preto”, “golquiper” e ídolo do Treze, desfaz o corpo magro, em passos ligeiros, pulando a cantar:

“O riso da morena,
nos prende como anzol,
o sangue da morena...”

O Estandarte, em forma e desenho de um sorridente Pierrot, varre o céu, pelas mãos de “Vavá Chaves”. Os clarins gritam, pedindo passagem, o Bloco quer passar. O povo canta, no mundo de Carnaval. É o lança-perfume, Rodouro, Colombina, fazendo a Cidade pular.

Hamilto Pube – “Mariola” – Zé Souto” – “Biu Galileu”, “Luis Bossa”, Delzo Donato, “Valete” – vestindo a camisa de gersey,

cantando a vida que passa, durante os “Três Dias de Momo” – feitos de fantasia e ilusão.

“deixa de lero-lero,
lero-lero, por favor...”

Lá vai o Bloco, passando, sumindo na esquina da vida, ao toque de recolher. É “Quarta-Feira de Cinzas”, e o Estandarte do “Lero-Lero” é um aceno de adeus já distante.

ASTROS E ESTRELAS

“ZY07, RÁDIO BORBOREMA DE CAMPINA GRANDE!”

Abriam-se as cortinas e surgia, no palco, o locutor HILTON MOTA: “Distinto Auditório, o nosso cordial BOA NOITE!”

Momentos de intensa emoção com o público vibrando na expectativa dos aplausos aos seus “astros” e “estrelas” preferidos.

Hermany Capiba, ao piano; “Zé” Apolo, na bateria; Arnóbio Araújo no clarinete; Paulo, no pandeiro, “Zé” Maria, no violão. A orquestra, sob a batuta do maestro Nilo Lima, dava o prefixo musical. Era o começo de mais um programa no auditório da velha e querida Rádio Borborema.

Sob gritos nervosos de uma “legião de fãs”, entrava no palco GIL GONÇALVES, o “eterno galã”. Gil ajeitava a gravata borboleta a compor o bem traçado “smocking”, dava um falsete na voz e anunciava a “primeira atração da noite”: Senhoras e Senhores, respeitável público, temos o prazer de apresentar aos amáveis ouvintes: DINA DE ALMEIDA! Dina de Almeida, a voz nostálgica, fazia o Auditório viver momentos de ternura e encantamento:

“Errei, sim,
manchei o teu nome...”

Entre um número e outro da “notável Estrela do cast da ZY07”, a voz ligeira de Hilton Mota, anunciando o comercial: “Otoni Barreto & Cia., revendedores autorizados dos caminhões Internacional, patrocina o nosso programa”. “Caminhão Internacional, o Rei das Estradas”.

A noite de enlevo prosseguia na voz de George França, “o Dick Farney do Nordeste”, no dizer de José Jatay, George França, a cabeleira disciplinada pela brilhantina Royal Briar, ajeitava o paletó-saco, fazendo pose com o microfone:

“Existem praias tão lindas,
cheias de luz...”

A voz de acalanto, a embalar os corações de mocinhas que ameaçavam desmaios na disputa de retratos autografados do “astro da radiofonia campinense”, conforme anunciava “Leonel Bolo Cru”.

E seguia o desfile, Zara Gusmão, Vicente Andrade, José Otoni, Rivailda Macedo, José Orlando, Silvinha de Alencar e tantas outras vozes que sacudiam o auditório repleto do que existia de “melhor na sociedade campinense”.

Mas a vida passou e a orquestra do maestro Nilo Lima calou os instrumentos. Os “astros” e “estrelas” emudeceram no tempo e hoje são feitos de lembranças e de saudade. Tudo passou. Ah! Velha e querida ZY07, Rádio Borborema de Campina Grande!

Dentro da noite, uma Cidade já não escuta José Otoni a cantar:

“Percal, vestido de percal,
no teu corpo de moça...”

ANJO NEGRO

EU VI UM QUADRO DE SANGUE E DESESPERO.

Corpos despedaçados. Rostos que jamais serão reconhecidos.

E quase todos eram crianças!

Por que Deus permitiu que assim o fosse?

Aos que procuravam a alegria, vieram as lágrimas. Aos que buscavam momentos de felicidade, veio a ausência para sempre sentida.

Por que, Deus? E logo no dia em que o Mundo festejava o nascimento do menino! E por que morrer a menina pobre, ela que, apenas, sabe brincar?

O choro na casa do operário que recebeu o “décimo-terceiro” e com ele comprou o vestidinho para a filha de dez anos que estava correndo na “canoa”.

E o vestido aos pedaços, tecido de sangue, a lembrar a criança que trazia no rosto um riso de paz e de inocência.

Onde está aquela menina? O cabelo ruim, enfeitado com um laço de fita, o sapato branco a realçar a pele negra. A mão a acenar como a agradecer aqueles momentos de alegria.

Ah, ela virou anjo. Lá está o meu anjo no céu.

Lá está a “neguinha” a perguntar a Deus porque ele deixou que tudo acontecesse. E logo no Dia de Natal!

E o rosto que era, ontem, um sorriso permanente a irradiar esperança e felicidade, hoje, transformado em máscara de dor.

Eu quero o meu anjo negro. Minha pretinha de dez anos, do cabelo ruim enfeitado com um laço de fita. Quem viu o meu anjo?

Ah, olha ela ali, a brincar num carrossel de luzes coloridas, a escutar o riso de inocência de outras meninas!

Deus te dê o Céu, minha pretinha!

O IPIRANGA

MEU DEUS, O IPIRANGA ESTÁ MORRENDO!

O velho Clube, hoje esquecido, é um mundo perdido de silêncio. Os clarins mudos, e a Bandeira de antigos Carnavais, recolhida a um canto de salão vazio.

O grito de dor do Ipiranga é um grito cansado como de quem já perdeu a esperança. É um clamor solitário, perdido pela ausência do eco.

Por que deixar morrer uma vida tão cheia de glórias? Um passado de tanto esplendor?

Ah, cadê o Ipiranga do meu tempo de menino? Vestidas de encarnado e branco, as “piniueiras” a cantar as marchas tristes do Carnaval de “Zé de Branco”.

Na “Rua Grande”, o estandarte varrendo o céu, numa dança louca. Na esquina da Loja Iracema, o “piston” de Porfírio Costa gritava mais alto.

Lá vem o Ipiranga! O Mundo do Carnaval quase vinha abaixo, na loucura de todo um povo, a gritar, a pular.

Alto, as pernas tortas, surgia “Musga Preta”, bandeira na mão, pintor e “pé de cana”, “golquiper” em tardes de domingo. “Musga Preta” riscava as pedras da rua num bailado estranho, contagiante, fazendo Campina dançar a dança do Frevo. Um riso preto abria o rosto de Feliciano.

Pintores, mecânicos, pedreiros, sapateiros, Zé Pinheiro, Bodocongó e a Liberdade formando o Bloco, sob o comando do “Mestre Batista” – “Zé Tombador” e “Nego Mira” – unidos em torno do famoso estandarte. Era o povo a brincar.

Hoje, o Clube que tantas glórias alcançou no passado, posto em abandono, como uma lenda de saudade. É um patrimônio que morre. Um pouco da História de Campina.

O salão está vazio. Os instrumentos estão mudos. O estandarte, vermelho e branco, abandonado, como um gesto de adeus.

Meu Deus, o Ipiranga está morrendo!

Será que Campina Grande esquece que o estandarte riscando o céu do Carnaval, nas mãos de “Musga Preta”, é uma das mais belas páginas do “Carnaval de Neco Belo”?

O NEGO GONZAGA

CONTOU-ME O DEPUTADO WALDIR DOS SANTOS LIMA, QUE O excelente cronista Gonzaga Rodrigues, certa noite, no Rio de Janeiro, lá pelos idos de 1960, resolveu conhecer a famosa Praia de Copacabana.

O “Nego Gonzaga” – conta o parlamentar nascido em Serraria – deixou o Hotel Serrador, onde estava hospedado, dirigindo-se, sozinho, num sábado à noite, para Copacabana.

Trajava um elegante “Clube “ – chapéu “tipo Nat King Cole”, com a indefectível peninha, completando a elegância com um par de “Pellegrini”.

Postou-se, o fabuloso jornalista de “O Norte” – na calçada do “Hotel Ouro Verde”, em pleno coração do famoso balneário, passando a tirar onda de turista, depois de colocar no rosto magro distintos óculos “Ray-Ban”.

Já alta madrugada, uma cabrocha rebolando os quadris, trazendo nos olhos riscados e nos lábios carnudos um jeito de dengo, passa a provocar no “Nego Gonzaga Rodrigues” inconsciente desejo de conquista. A mulata, pelos trejeitos, pela ginga, logo pareceu ao “turista de Alagoa Nova” – uma componente da Ala de destaque da “Verde-Rosa – a tradicional “Escola de Samba de Mangueira”. É que a morena – esclareceu Waldir – passava cantando um Samba de Partido Alto, como se estivesse a desfilar



o corpo bem feito em plena passarela da Avenida Getúlio Vargas. Foi então que, tirando o Hollywood da boca, o “Nego” tenta a conquista, soltando o convite em forma de gíria; “vai de solidão, meu bem?” O samba parou nos lábios de denço, e a resposta veio pronta, trazendo, em cada palavra, toda a malícia carioca: “Te manca, pau-de-arara!” E continuou a Isabel de Mangueira: “Tira esse pára-brisa de urubu!”

No rosto do brilhante cronista, um riso amarelo, o desejo de desaparecer – de fugir, mesmo porque, da calçada vizinha, explodiu uma vaia tipo “Maracanã”, em tarde de “Fla-Flu”. Garagistas, garis, zeladores de automóveis, asilados e porteiros, como uma só boca, numa só torcida, a gritar: “Puxa o esqueleto, matuto da Paraíba”!

E lá se vai o nosso “turista”, fugindo, de óculos “Ray-Ban”, em plena madrugada de Copacabana.

O DALLAS

NA BOCA DA NOITE, ELE ENTRA EM MEU GABINETE, NA Delegacia de Polícia, esbaforido, sem pedir licença. No rosto, nos gestos, um quadro de desespero a andar de um lado a outro da sala. Mal refeito do susto, peço ao conhecido empresário para que sente um pouco, oferecendo-lhe uma cadeira. Ao mesmo tempo em que deixa cair o corpo enorme, sobre a poltrona, ele, com voz trêmula, inicia o diálogo jamais esquecido: “Chico Maria, na condição de Delegado, você tem que tomar urgentes providências”. Disse e calou-se, como se a voz lhe tivesse faltado. Procuro esclarecer aquela cena de nervosismo e confusão, perguntando: “Providências a respeito de que?” O conceituado homem de negócios percorre com os olhos todo o gabinete, e depois de verificar que estamos sozinhos, responde, agitado, num grito: “De minha mulher!” Procuro acalmá-lo, oferecendo-lhe um cigarro. Ele se encolhe todo, como um gesto de quem se defende. Quer continuar e não pode, deixando a situação cada vez mais confusa. Parece arrependido de estar ali.

Provocado, procuro magoar a ferida na parte em que ela parece mais dolorida: “Sua mulher está traindo você?” Quase derrubando o cinzeiro ao levantar-se, o jovem empresário reage: “Como você sabe?” Minha pergunta parece libertá-lo, como se o tivesse aliviado de algo bastante pesado, para a sua minguada

resistência. A verdade dos fatos. Aquela verdade que ele tentava gritar e não podia, menos por medo de que por vergonha. Sua resposta veio num gesto lento, ainda indeciso. Exibiu-me um pedaço de papel, onde estavam anotados o número e as letras de uma placa de automóvel. As mãos, trêmulas, mal conseguiam sustentar aquilo que parecia ser a pista de todo o problema. “Agora”, advertiu o conhecido executivo – “falta você descobrir quem é o dono desse Corcel”. Procuo disciplinar o raciocínio, busco refazer na memória o diálogo em seus mínimos detalhes, e pergunto: Qual a relação entre sua mulher e esse Corcel?”

No rosto pálido, do rico empresário, nasceram duas lágrimas, dos lábios trêmulos, a resposta: “O DALLAS!” “O DALLAS!”.

O CAFÉ DE JOÃO BRABO

AH, O “CAFÉ DE JOÃO BRABO!”

Tinha de tudo. Todas as vidas, em todos os vícios.

O agiota e o “gigolô”, o sertanejo e o soldado de Polícia.

Machado, a cara de fome, mais parecia um Banco ambulante, sendo, ao mesmo tempo, “caixa e gerente”.

Tinha a promissória e o avalista, o corretor e o negócio. Talão de cheque. “Rico de cento e vinte dias”.

Ambição e avareza. Tinha a vida e a morte. No matuto que trazia, na boléia do misto a mulher doente para a consulta; no “Taurus 38”, a empreitada sinistra.

Notícia de chuva. Venda de gado, a safra do algodão.

Tinha amor e o ódio. Na prostituta que procurava, dentro da madrugada de ciúme, o pai do menino que ia nascer, na disputa entre os valentes, tingindo de sangue a noite de boemia.

Desordeiros e desocupados, cachaça e samba de roedeira.

Tinha “Peneira” e os “acidentes geográficos”. Loucura e memória.

“Cisplandim”, “Tico-Tico” e a “36”, contravenção dentro da noite.

“Batida” da Polícia e a prisão. O político e o Habeas Corpus. Solto o eleitor.

Ah, o “Café de João Brabo!”

Luis de “Vanda” e “Bacurau”. “Cabeça de Galo” e “Chora na Rampa”. “Pedro Baiacu’ e “Bigode de Ouro”, Gíria e “Abílio Doido”. “O negócio é Doutor Pinto; a vista, nada de fiado”. “O carro é papa fina”.

Tinha venda de amor, de dinheiro, de vida. A madrugada a sepultar todos os segredos. “Maria Garrafada”, a “Escola Primária do Amor”, a rodar a chave do quarto. E “Moacir Tié” alugando o corpo magro, para mais uma noite de tango.

ROCHA, O ALFAIATE

O TOQUE DE CLASSE E DISTINÇÃO COMEÇAVA LOGO COM A placa. Em lugar de “Alfaiataria Globo” ou “Alfaiataria São Geraldo”, o anúncio elegantemente bem posto: “Modas e Confeções ROCHA!”

Magro, pequeno, no rosto moreno, os olhos amortecidos pelo Quinado, Rocha foi o mais célebre alfaiate de Campina.

Mandar fazer uma roupa de “seda japonesa” ou, até mesmo, de “caroá” por Rocha, era uma prova de bom gosto, de prosperidade.

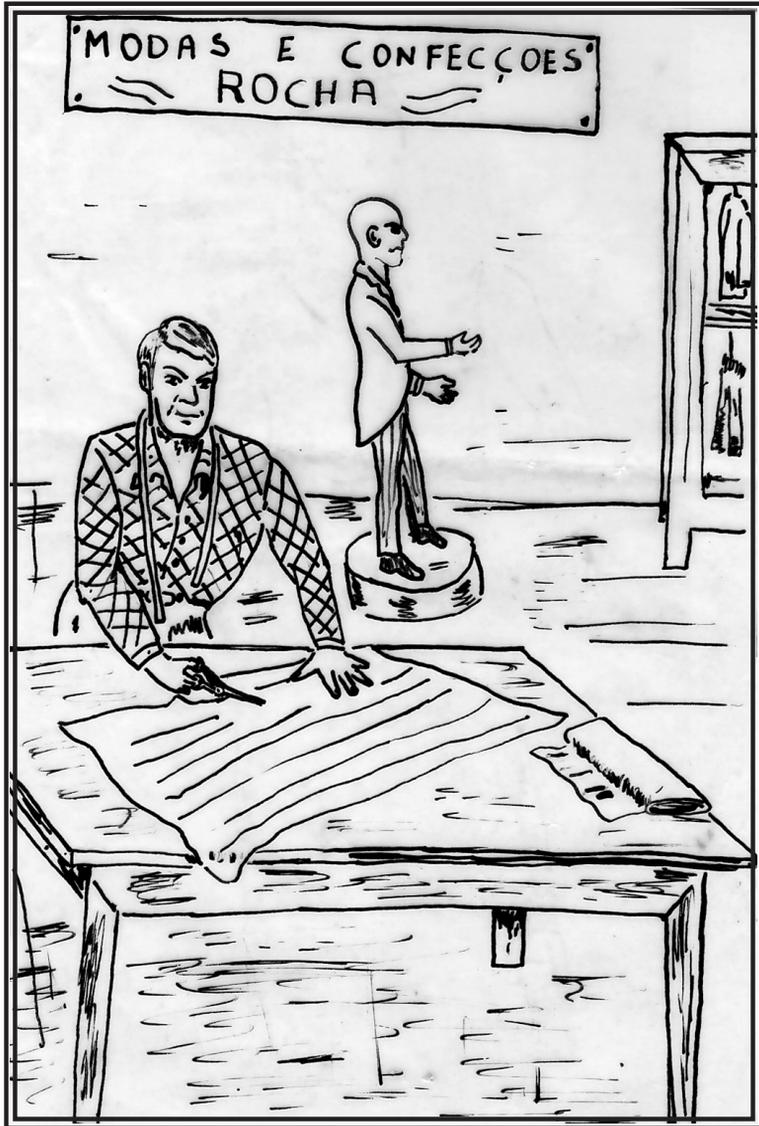
Corte inconfundível, principalmente na costura do “paletósaco”, armado de ampulhetas, acessórios que, na respeitável opinião do “gordo” Rubem Sobreira, o mais elegante rapaz da época, lembrava os ternos usados por Ray Miland a conquistar Doroty Lamour, a Princesa das Selvas, minha primeira paixão!

O “chic” era mostrar o “jaquetão” ou mesmo o “Três Botões” com a clássica etiqueta escrita com letras douradas: “Modas e Confeções ROCHA”. Valia como um cartão de apresentação.

Rocha virou moda. Vivia na “alta roda”, tomando o seu Quinado ou a “Teutônia”, na Polonor.

A alfaiataria, na Rua Grande, era ponto de encontro dos moços granfinos.

Feita a tão esperada “primeira prova”, ficavam a conversar, a olhar a vida que passava sem pressa.



“Paletó-Saco ou Três Botões?” e o jovem Orlando Almeida, famoso “bigodete”, doido para exhibir a roupa nova na “matinée” do Campinense ou na “Missa das Dez”, a responder, vaidoso: “Não Rocha, a última moda do Recife é roupa de dois Botões”. E o giz na mão trêmula, a riscar o tropical maracanã, fazendo nascer mais um elegante a se mostrar, logo mais, no pavilhão da festa, os pés no sapato “Fox”.

A tesoura de Rocha, ditando a moda, em uma cidade que passava na retreta do Esial, sem pressa e sem nada, feita de romantismo, tecida de ilusão.

TEMPO DE MENINO

O MEU PRIMEIRO INTRIGADO NASCEU POR CAUSA DE UMA estampa do “Sabonete Eucalol”.

Eu brincava na calçada do “Bilhar de Cícero Campina”, quando uma estampa, com a figura de uma “cobra jibóia, do Rio Amazonas, Brasil”, caiu do bolso da calça curta. “Zé”, filho de “seu” Jovino da padaria, avançou para pegar a estampa colorida. Botei o pé em cima. “O braço falou”. A briga terminou com a chegada de dona Amélia. Ah, dona Amélia que “aparou” tanto menino! Cadê a velha parteira?

A cobra ficou comigo, e o choro ficou no rosto de “Zé”.

Ainda hoje, passada tanta vida, entre mim e ele, como uma barreira nunca vencida, existe uma “jibóia do Rio Amazonas, Brasil”.

A minha primeira surra nasceu por causa da bandeira amarela do Guarda da Higiene.

Eu vinha do “Sólon de Lucena”, quando vejo, no postigo de uma casa, uma bandeira amarela. Minutos depois, roupa mudada, pés descalços e bandeira na mão, na “Esquina do Padre”, sou “Pintacuda”, dirigindo o meu carro de rolimã. Voando, lá vou eu segurando a bandeira que é um aceno de inocência.

Quando passava na calçada do “Macaíba”, vejo meu pai falando com um homem de roupa cáqui, trazendo na mão uma pilha. E eu sem ligar para o mundo.

Ali mesmo, com o mastro da bandeira levei o primeiro “croque”.

O meu carro abandonado, o meu rosto feito de lágrimas e aquele homem fardado olhando para mim.

Dias depois, quando ele chegou, iluminando com a pilha a cisterna lá de casa, eu vim saber quem era o “Guarda da Higiene”, minha primeira autoridade.

A estampa do “Sabonete Eucalol” e o “guarda da higiene”, lembranças de um passado distante, mas que ainda trago bem vivas dentro de mim, saudade do tempo em que eu “voava” no meu carro de rolimã, camisa aberta ao peito, como asas de liberdade.

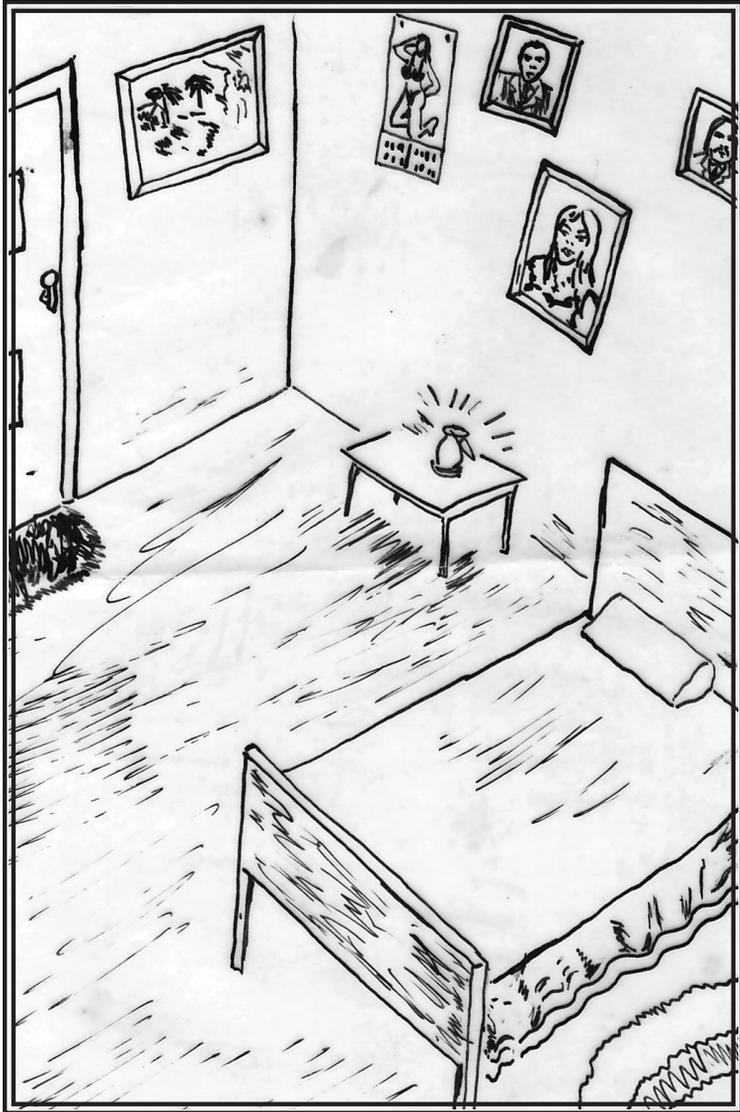
O QUARTO DE MARIA

ONTEM, AO PASSAR PELO “BECO DA POROROCA” – NÃO RESISTI À tentação de rever o quarto de “Maria Garrafada”. Meu caro Lopes de Andrade, como Maria sabe conservar retratos e objetos que compuseram um cenário de fatos já perdidos no tempo! Lá estavam as mesmas caras cínicas, rindo dentro da moldura pobre, pendurada na parede. De novidade, que eu notei, apenas a fotografia de um ex-padre, com dedicatória de março de 1975. O resto, aquilo mesmo que nós deixamos.

Calcule você, meu estimado professor, que a cama ainda é aquela, de vinte anos passados; e mais, continua na mesma posição, isto é, com os pés virados para a imagem de São Jorge em luta com o dragão. Lopes, o nosso grande José Américo tem mais do que razão, ao definir que Santo, em casa de prostituta, vê tudo e não diz nada. Já pensou se São Jorge abrisse o bico e resolvesse contar tudo o que tem visto no quarto de Maria!

Sim, antes que eu me esqueça. A mesma lamparina. Aquela mesma lamparina que iluminou as “aulas” da “Escola Primária do Amor”. Tratada com caol, chega a brilhar. A bacia. O velho lavatório de ferro. Do lado esquerdo do quarto, o mesmo “pitisqueiro”. Nada ali parece ter mudado, exceção feita, você compreende, à própria Maria.

A idade já não lhe permite “esforços” diários. Uma, duas, no máximo, três vezes por semana, ainda vai.



Numa fotografia, já desbotada, perto do cabide que fica por trás da porta, ainda consegui reconhecer Raimundo Asfora – Edvaldo do Ó – Noaldo Dantas e Epitácio Soares – comendo “cabeça de galo” e tomando quinado, no “Café de João Brabo”. Asfora de Ramenzoni branco na cabeça.

Oh, Lopes, quanta saudade! Amigos que se foram levados pela morte, ali, em retrato, rindo, brincando, ornamentando o quarto da célebre prostituta. Outros, ainda bem vivos, discutindo política, futebol ou negócios, no “Calçadão” – ainda hoje, e presos na imobilidade da moldura. São retratos que Maria guarda como verdadeiros troféus de “memoráveis batalhas”. Álvaro Araújo, Ilo de Nereu, Celso Castro, “Passo Triste” – Rubem Sobreira (muito elegante, como sempre) – Orlando Almeida, “Dantas 3 Quinas” e Delzo Donato, vestido na farda do “Tiro de Guerra”. São os “ex-alunos da Maria Garrafada, a Escola Primária do Amor”.

Eu vi ali a cidade. O comércio, a indústria, as profissões liberais, e outras classes. MARIA DORMIU COM CAMPINA.

O ARTISTA

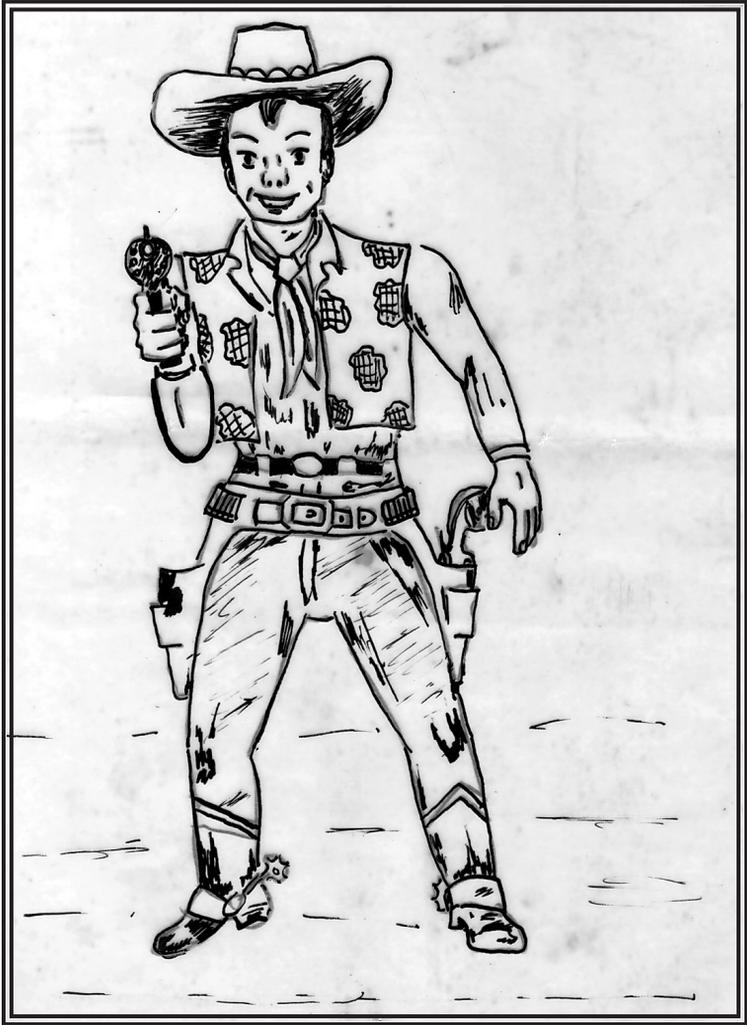
OLHO PARA ERMÍRIO LEITE, VEJO AQUELE BICHÃO ENORME, mas tudo nele só faz recordar o menino brincando de “faroeste”, na Rua João da Mata.

Ele nunca aceitou ser “bandido”. “O artista sou eu”. Fazia questão de ser “Bill Elliot”.

Mandou fazer um traje de “cowboy” por uma costureira que morava no “Beco da Pororoca” e passou a matar os “bandidos” que infestavam a rua. Era uma calça preta, camisa de mangas compridas, amarela, trazendo o desenho de um cavalo no bolso. Na cabeça, um chapéu de abas largas, enquanto os dois revólveres e a cartucheira, comprados na loja “A Simpatia”, no “Beco 31”, completavam o temido justiceiro.

Ermírio viveu “Bill Elliot”. Diante do espelho, sacava os dois “45” cano longo, e o “nego” Azeitona caía no chão, já “estribuchando”. “hico, eu estou parecido com Bill Elliot?” Eu respondia: só falta o bigode”. E o lápis de sobrancelha riscando o rosto do menino, fazendo nascer nele a certeza de ser o artista tantas vezes aplaudido na fita do Capitólio.

“Bandido”, eu sempre saía perdendo. Apanhado, preso, enquanto no rosto de Ermírio surgia a satisfação por haver vencido o tiroteio em que uma das balas quase atingiu a gravata borboleta de Doutor Telha, poeta, boêmio, o riso largo no rosto



moreno a fingir que estava com medo. Morto o último assaltante, Ermírio examina a “diligência”, ali, parado, na figura da “burra do Café São Braz”.

“Chico, a pedido de colega, eu estou parecido com Bill Elliot?” Oxente, colega; tais todinho!

Ermírio vibrava de emoção. Com a ponta do dedo, ele empurrava o chapéu para traz, enquanto os “Colas” giravam entre as mãos.

Eu me lembro de que, em cada “revólver” de Ermírio, havia, no cabo, 12 cruzeiros, exatamente o número de vezes em que eu e o “nego Azeitona” tínhamos caído no canteiro da rua, gemendo de dor, mesmo antes de “Bill Elliot” gritar: “MÃOS AO ALTO”!

O INSTITUTO PEDAGÓGICO

A VOZ CORTANTE DE DONA ALAÍDE, UMA PROFESSORA MAGRA E de óculos, jogava, na manhã cheia de luz, os primeiros versos do hino jamais esquecido.

“Quando alegres,
felizes marchamos...”

O rosto severo do Tenente Alfredo era uma ordem que nenhum aluno ousava desobedecer. O pelotão formado no Pátio e ele na espreita, de longe, pronto a acabar com um “puxavante de orelha” a menor brincadeira.

O hino cantado com entusiasmo. A emoção gritando dentro de cada um de nós, como se o Instituto Pedagógico estivesse partindo para a guerra.

“Há de o livro ser a couraça
e a caneta há de ser o fuzil...”

De repente, o ronco da “Harley-Davidson”. Eis que surge, imponente, acelerando a motocicleta, o sargento Carlos Kurt.

Olhos azuis, Carlos Kurt Joseph Von Liebg, professor de Ginástica, comandante do Pré-Militar, era o nosso herói. Eu o comparava ao artista da série o “Besouro Verde”. Perfilado, o bastão de comando na mão direita, ele parecia gritar um grito de guerra, uma ordem para avançar: “Instituto Pedagógico, ao meu comando, sentido!” Era o início da tão esperada passeata.

Vibrando de emoção, lá ia eu sem destino, marchando, os meus caminhos na ponta da espada do Sargento Carlos Kurt.

Nas pedras das ruas, passos perdidos feitos de inocência e de ilusão.

A minha farda cáqui, o meu casquete, a pose marcial do Tenente Alfredo, o grito longo e triste das cornetas, a cadência dos tambores e eu menino espantado, sem saber da vida, prisioneiro e resultado das próprias emoções.

“Oh! Bravos filhos
do Norte, a Pátria quer vosso tributo...”

A espingarda de pau no ombro, a cabeça erguida na continência à bandeira, os olhos voltados para o Céu, cantando mais alto como se quisesse que o mundo escutasse o meu brado de guerra:

“Para a glória
do nosso Instituto,
excelso templo de imortal saber...”

ERNANI E JOÃO

VÉSPERA DE ELEIÇÃO.

Comício de encerramento na Praça da Bandeira. A sede da U.D.N apinhada de correligionários procedentes dos mais distantes municípios do Estado.

Telefonemas, consultas, abraços. Últimas providências para a grande festa cívica. Camionetas anunciavam os oradores. Foguetões riscavam a noite de emoção. Lá, no alto do palanque, o retrato do candidato Oswaldo Trigueiro era um momento de ponderação, como se estranhasse todo aquele movimento.

La entrando na sala do Diretório, quando a voz vibrante, metálica, quase me assustou: “como vai o amigo velho?” O outro, sem me olhar, soltou o cumprimento que era mais um cochicho: “Oh, Chico”.

Ernani Sátiro, agitado, queria saber de tudo, indagando, indo aos menores detalhes. Discutia, falando com as mãos e com o corpo. João Agripino, o corpo longo e fino, derreado na poltrona, parecia distante da sala. Ele e o “Hollywood” filtro. Era um homem só, arrodado de cumprimentos e discussão.

Os dedos compridos puxavam a pele do rosto sofrido, feito de rugas, e aquele seu gesto parecia uma forma estranha de monólogo.

Ernani, parado, imutável, um homem em silêncio, ouvia tudo, perguntando sem abrir a boca. Olhava a todos sem ver ninguém.

Eu ouvia um e olhava o outro. Um a palavra solta, posta em liberdade, a ir de um canto a outro da sala, a estrondar na rua; o outro, um homem distante, como quem espera sem pressa a vida.

Ernani Sátiro fazendo a hora e o tempo; João Agripino, sem tempo e sem hora.

A palavra, de um; o silêncio do outro.

O CIRCO

“HOJE TEM ESPETÁCULO?” PERGUNTAVA, LÁ DO ALTO DAS “pernas de pau”, o palhaço, e o menino pensando na entrada, de graça, a responder: “Tem sim senhor!”

Noite de estréia. Roupa de brim, lá estava eu na porta do “Circo Nerino”, animado pela certeza de entrar pela mão do “perna de pau”.

Primeira chamada. O porteiro, frio, aborrecido, a exigir o ingresso.

Esperei, esperei até a segunda. E nada. Ali mesmo, jurei nunca mais, ajudar o palhaço.

Tentei “colar”, e levei uma carreira do vigia. Agora, a roupa nova rasgada pelo arame. E eu, magoado, triste, admirando o “Nerino” todo iluminado, bonito, parecendo o carrossel de “seu” Epaminondas. Uma festa de luz.

A vontade de olhar “Picolino”; de olhar Roger, o mais belo “Cristo da Paixão”. Sua face pálida, o rosto bem feito, aperreando moças, despertando ilusões.

O “Globo da Morte”. Os homens da motocicleta, com os seus estranhos capacetes, faziam lembrar a série de “Flash Gordon” a que eu estava assistindo no Capitólio.

E o menino a sofrer na porta do circo. O tempo passando. O vigia vigiando. A roupa rasgada. O palhaço esquecido.



E a terceira chamada fazendo nascer o desejo de sentar no “poleiro”, agora só para fazer anarquia. Assoviar. Gritar, cobrando o começo do espetáculo: “é pra hoje!” De mangar. De ver a queda do homem do “Globo da Morte”. O leão a devorar o porteiro e o palhaço. O “perna de pau”, morto no chão, sorrindo na cara pintada.

Ah, ainda hoje eu vejo o Circo Nerino, todo iluminado! E um menino triste a esperar o palhaço que, até agora, não voltou.

O HOMEM É PEDRO

PEDRO GONDIM PARECIA ISOLADO DA CIDADE, QUE POR ELE PASSAVA, em mil formas diferentes.

Sim, era ele mesmo. O Pedro das multidões em passeatas de madrugada de emoção. Ele em pessoa e sentimento. As rugas marcando uma vida que parece sufocada num abismo, pela recordação dolorida de homens e fatos.

O mesmo riso fácil, aberto, as emoções querendo libertar-se de um rosto que já não consegue esconder a vida vivida.

Pedro Gondim só, e a Cidade a passar ligeira, como quem não quer ser visto. “Ta com medo?”

Suas mãos paradas, sem aceno, sem nada, vazias. As mesmas mãos que apontaram caminhos e fizeram destinos, na criação de novas vidas, no fazer nascer novas esperanças.

Ele ali, diante do Palácio onde foi o “homem”. – “Quem é o homem?”

Hoje, outro mundo. Apenas os “amigos do Diário Oficial” continuam a esconder a cara cínica, por trás das cortinas, o corpo sempre curvado para o cumprimento hipócrita no recesso das ante-salas.

Ah, meu caro Pedro! Cadê os amigos? Eles que fazem a Cidade que passa, de boca fechada, até para o mais rápido cumprimento, por que não param?

Eles que vão ali, disfarçados em formas mil!

A praça, Pedro Gondim e a vida. Vida a passar na pressa dos ingratos.

Sim, era ele. Aquele mesmo que, um dia, a Cidade carregou nos braços como expressão maior de todo o seu bem-querer, a gritar para o mundo: “O HOMEM É PEDRO!”

SEU RAUL

FOI NA MÃO DE RAUL PEQUENO QUE EU VI, PELA PRIMEIRA VEZ, uma bengala.

Passados quase quarenta anos, ainda tenho na memória a cena que tanto me impressionou.

La passando com meu pai na calçada do “Cine Apolo”, quando avistei aquele homem vestindo uma roupa de gasemira marrom, chapéu de palhinha, calçando botinas e apontando para o cartaz do cinema com uma bengala preta, de cabo de ouro. “pai, quem é esse homem?” Puxando minha mão, o velho Chico Maria respondeu: “é Raul Pequeno, alto comerciante de algodão”.

A bengala vistosa, o cigarro pendendo no canto da boca, a gravata de laço, amarrando o pescoço vermelho, tudo nele despertou minha atenção, principalmente quando o “alto comerciante” caminhou para o “Ford 34”, de capota de pano, parado no “Café de Pula Varanda”. Parei, olhando o homem e o carro, sem ouvir o chamado de meu pai, lá da calçada do Éden. Ajeitando os suspensórios, ele rodou a bengala e completou a pose, colocando o pé no estribo do carro.

Aquela pose tomou conta de mim, fazendo lembrar a figura de Harold Loyd. No armazém de Vieira da Rocha, na casa de Tito Sodré, em Castelo de Bronze e no bilhar de “Cícero Campina”, lá



estava o quadro a renascer. O Ford da busina “fon-fon” e aquele homem de chapéu caído na testa, na imitação do artista famoso.

Tantos anos decorridos, ainda tenho por “seu” Raul Pequeno o mesmo respeito, a mesma admiração, não somente por uma questão de idade, mas por ver nele a lembrança de Harold Loyd, aquele artista que, na fita do velho Cine Apolo, enchia de emoção o menino que eu era.

OXENTE, WANDA!

“OXENTE, WANDA, SERÁ QUE FIZERAM MANDINGA?”

Cuidado, menina! Parece que é feitiço brabo.

Tira a saia de renda, que está no baú, bota os colares de conta, louva o santo três vezes e joga uma rosa vermelha no colo de Iemanjá.

Depois, bem, depois vem para a rua cantar. Sim, Wanda, “mais do que nunca é preciso cantar”. Cantar a vida que passa em forma de manhã, em forma de noite, ora triste, ora alegre, mas sempre vida. Vida de viver. Vida de amar.

Vem, trás a menina que nasceu, ouvindo o som triste dos atabaques e a voz dos negros, como um lamento distante no mundo da Bahia.

Que cresceu ouvindo histórias de amores impossíveis, de assombração sob o céu carregado de estrelas.

Trás a menina que correu, sem juízo, brincando a vida nas ladeiras sem fim. Trás a menina da Bahia. Aquela que é prima legítima de “dona Flor” e filha mimada de “Menininha do Gantois”.

Ah, Wanda, deixa de denego. Faz como manda o samba: “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”.

Olha, só pode ter sido o olho da inveja. Olho mau. E você, tranqüila, de boa fé, nem ligou. Nem procurou o santo. É o mau

olhado. Juro que foi despacho e despacho bem feito. Em noite de sexta-feira, na encruzilhada do caminho. Cruz credo!

Agora, abrir a boca e cantar. Dizer que não sabe se o que fizeram com você “se é canto de areia ou se é fantasia”. E depois, tudo passa, no samba, na ginga, no rebolado e na oração forte.

Wanda, através de mil promessas juradas, você me prometeu o “Roteiro da Bahia”. “Jurou, mas não cumpriu”. Taí. Como é que eu vou correr as ruas carregadas de mistério de São Salvador? Como é que eu vou pedir a “mestre Palhinha” para dar, em roda de capoeira, umas pernadas em quem fez mal à menina que correu de bicicleta, cabelos soltos ao vento, “vento que balança as paia do coqueiro”, mexendo com a saia da morena? Como é que eu vou pedir a minha “mãe Menininha” para “fechar” o corpo de sua filha dileta? Juro, menina Wanda, que iria pedir toda a proteção para você, mesmo que tivesse de “subir mais de mil e oitocentas colinas”. Saravá, meu pai!

O MAJOR CÂMARA

O ROSTO DURO, FEITO DE PEDRA, NELE ERA APENAS UM ESFORÇO inútil para esconder o mundo de emoções que existia no íntimo do soldado e do paisano.

Como que um anteparo tentando resguardar o emotivo.

Sua aparente impassividade, antes de ser um cálculo, era um gesto sofrido de defesa, uma estratégia duramente seguida.

Foi o chefe e companheiro. Comandando, fazia-se querido dos subalternos, sendo mais um líder a convencer do que um militar a impor disciplina, a ditar ordens.

Do trabalho, fez a preocupação maior de todas as horas; da missão, um sacerdócio.

Expressão autêntica de um Exército que se renova a sacudir velhas e carcomidas estruturas, via os problemas que afligem o mundo através de uma visão nova e por isso mesmo diferente. Era o militar que pressentia os horizontes, numa antecipação dos novos obstáculos, dos futuros combates.

O soldado a pensar: “Não cora o livro de ombrear com o sabre, nem cora o sabre de chamar-lhe irmão”!

Ele foi uma vida, que parou na velocidade de quem tinha pressa, no cumprimento do dever. E o Major lá se foi...

A voz de comando despencou no abismo, perdendo-se pela ausência do eco.



As mãos, paradas sobre o peito do infante, são um gesto de abandono, um aceno de adeus.

Os seus olhos se fecharam para a vida. É noite no velho quartel da 5^a.

Sentinela! Deixai que o clarim quebre o silêncio desta madrugada, como um grito de adeus e de saudade.

AMAURY GURU – LINDA

DENTRO DA MADRUGADA, A VOZ DE QUINADO DE GODOY SURGE como um lamento.

“Hoy vejo que hay sido
em mi pobre vida paria...”

Abraçado ao violão, o velho boêmio joga, pelo salão do velho cabaret, “Pensão de Carminha”, a letra carregada de paixão do tango imortal.

Conta uma história de desilusão e ciúme.

Há corações destroçados, impulsos e lágrimas mal contidos. Amor e ódio dentro da noite de boemia.

Vestindo um impecável “paletó-saco”, os ombros reforçados pelas ampulhetas no mais sofisticado estilo de “Bento Alfaiate”, a cabeleira bem posta, o acadêmico “Amaury Guru” dança o tango, tendo nos braços a figura de Linda, a “Rita Hayword do Nordeste”, conforme anunciava “Gaúcho” ao microfone.

Os dois amantes tomam conta do salão. Linda trás, no rosto pintado, todo o enlevo daqueles momentos de êxtase: “Guru”, a cara cínica, emoldurada pelo bigode fino, a trunfa no cabelo, sente que é motivo de comentários e de inveja. Capricha na exibição.

O estudante que viveu no “Gambrinus”, que jogou no “Café Lafayette”, que amou todas as mulheres do “Cassino Americano” dança o tango, sem ligar o mundo.

A vida passa, na “Pensão de Carminha”. Os homens amam e o amor se faz na voz de Godoy a cantar:

“tu presencia em mi bacana
deu calor a mi vida...”

O par empresta à dança, sensual e louca, toda a chama do amor que os une, na paixão sem fronteiras.

Linda tem os olhos fechados e trás, nos lábios carnudos, um jeito de dengo. “Amaury Guru” sussurra ao seu ouvido:

“em mi pobre vida paria
una mujer e nada mas...”

A voz de Godoy, o corpo bonito de Linda, a “Pensão de Carminha!” Passando distante, esquecido, até mesmo pelo acadêmico “Guru” que insistia em não recordar aquela noite feita de amor e tango.

“Hoy es toda una bacana
com a bolsa do otário...”

CHICO B

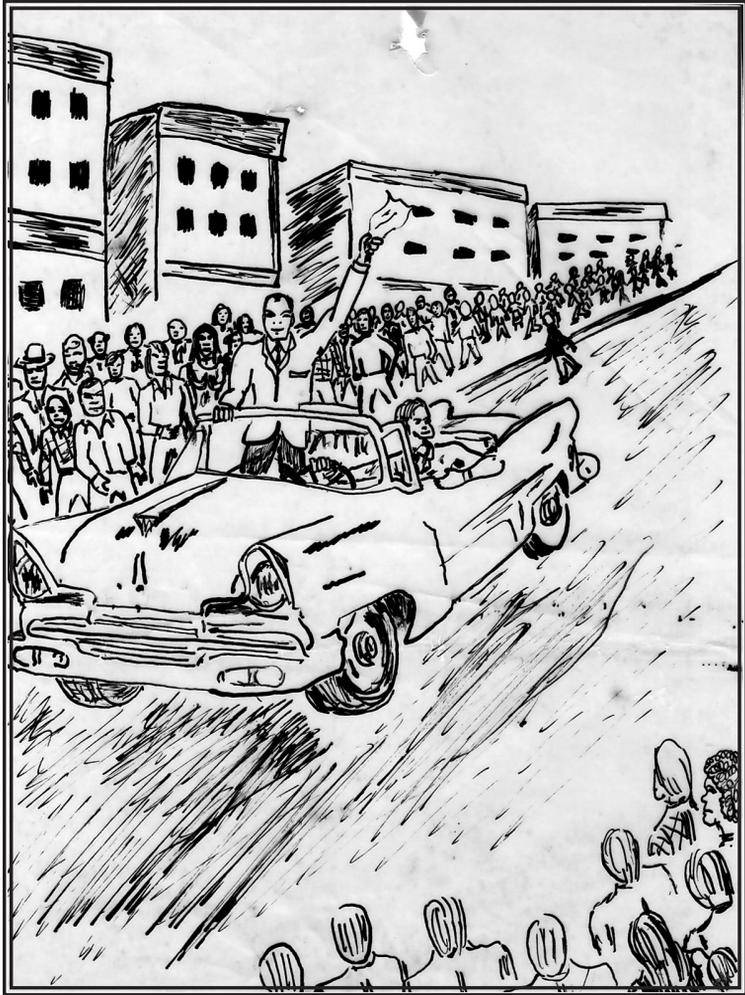
COLETE, CHAPÉU “GELOT” E UM RISO DEBOCHADO NA CARA DE fome, eis “CHICO B, o candidato de Campina”.

A cabeleira revolta, grisalha, emoldurando a cabeça de sonho e fantasia do velho boêmio.

A cidade fez do célebre barbeiro o símbolo de toda a sua revolta. Nasceu “Chico B”, o futuro vereador. A mão que, antigamente, empunhava o pente e a navalha, passou a sacudir o chapéu de diplomata em populares acenos. Chico a desfilou em carro aberto, a comandar passeatas, nos braços da multidão.

“Chico B” deixou de imitar Augusto Calheiros e passou a falar em carestia de vida. Trocou o bar pelo palanque. O violão pelo microfone, em comícios jamais esquecidos. Abandonou a cadeira de barbeiro, mas o seu mundo de inocência criou outra especial. Chico trocou os filhos pelos eleitores. Sonhou e sonhou muito. A cidade embalou o seu sonho.

“Chico B” virou moda. O seu nome no “Campo do 13”, nos cabarés, na Missa, nos Colégios, nas Oficinas. O menino largava o tabuleiro de pirulito e gritava: “Viva Chico B!” O operário deixava de lado a ferramenta e ia saudar “Chico B”. Nos salões de beleza, as madames tiravam a cabeça do secador e perguntavam o significado do “B” de “Chico B”.



Em sua casa humilde, o salão vazio, a navalha abandonada. A família a perguntar ao mundo a razão de tudo aquilo, de toda aquela transformação. O antigo chefe nos braços do povo. A sua cara magra, amarela, pendurada nas paredes em retratos coloridos. Sua voz nas estações de rádio, sua figura cínica na tela dos cinemas. E Chico fora de casa. no meio do mundo. Discursando na “Flórida, em “Zé” Pinheiro, na Liberdade, no Pio XI, no “Forró da Coréia”, no baile de “Alcatrão”.

“Chico B”, de colete azul, chapéu “Gelot” e óculos “Ray-Ban” a desfilar, o lenço acenando para a multidão em delírio. E a vida passando.

Um dia, a mão que distribuía autógrafos, que cumprimentava o eleitorado, voltou a abençoar os filhos, a ferir as cordas do pinho. E a cidade esqueceu o candidato.

Hoje, já ninguém quer saber o significado do “B”, de “Chico B”.

MINHA NORMALISTA

O ALTO-FALANTE DA PRACINHA, TOCANDO O SAMBA, FAZIA aumentar minha ansiedade:

“Vestida de azul e branco
trazendo um sorriso franco...”

No banco da Praça, eu esperava minha primeira namorada. Ah, quanta emoção!

O cigarro Odalisca, no canto da boca, servia de companhia, enquanto ela não surgia. E a voz de Nelson Gonçalves dizia, em forma de ritmo, aquilo que eu queria dizer, mas não sabia.

Era o “bigodete” prisioneiro da primeira paixão. Eu via um mundo tranqüilo, leve, bonito, e a minha preocupação maior era ajeitar a trunfa na cabeleira, vestir a roupa bem passada e mergulhar na manhã em busca do primeiro amor.

Esperar a saída do colégio. Fazendo pose, vigiando de longe, com medo da “Irmã Superiora”, já desconfiada pela presença daquele “moço de bigode fino, magro e moreno”.

Pobre “Irmã Superiora” que, jamais conheceu o amor! Que jamais teve alguém a esperá-la ao fim das aulas!

E o samba a mexer comigo:

“Mas a normalista linda,
não pode casar ainda...”

Lá vem a minha normalista! Lá vem o meu amor primeiro! É a mais bonita de todas. A farda azul cobrindo o corpo moreno e que mal começa a desabrochar. Ela é linda, inocente e pura. Lá vem minha menina de fita no cabelo, olhar-criança a ver o mundo como um imenso brinquedo, como uma ciranda, cantiga de ternura e paz.

Eu e ela de mãos dadas, rindo para a vida que se curva quando passamos, olhando tudo e sem ver nada. Eu e minha normalista linda, alma irmãs, unidas pela mesma ilusão, pela mesma inocência.

“Eu estou apaixonado
o pai da moça é zangado...”

O VELHO BOÊMIO

“MOACIR TIÉ” RECEBEU, NOS OLHOS DE MORMAÇO, O SOL QUE marca o meio-dia.

Manhã de segunda-feira. Ele e o pequeno quarto, sozinhos.

Num gesto longo, sem vontade, arranca da cama o corpo magro. Num bocejo, procura expulsar a noite passada. Noite de tango e de mulheres.

Abre os olhos para a manhã banhada de luz. Tateia o sapato “Fox”. O corpo está de pé. Mergulha a mão pela cabeleira grisalha e que começa a mostrar acentuada rebeldia ao uso de Glostora.

Fita o espelho, os olhos da noite vêm refletidas todas as madrugadas. Todas as horas de boemia. Contempla a vida que passa, no rosto magro.

Vida virando rugas. O velho dançarino fecha os olhos como uma forma de fugir à própria imagem. É quase um desalento. Um ato de quem se entrega.

Larga o espelho. Os dedos longos e nervosos ajeitam o paletó “jaquetão”.

Na boca, sem palavras, ele prende o “Hollywood-filtro” e olha a rua, como a aceitar a manhã que se finda.

As pernas parecem devolver os primeiros passos, temendo a caminhada.

“Tié” parece hesitar. Num esforço, procura adaptar-se, fazer parte da vida, vida que tem todas as formas. No riso da

normalista, no carro em disparada, no menino do jornal a gritar as últimas notícias.

Os lábios se abrem timidamente, numa forma cautelosa de dar bom-dia ao mundo. O boêmio vai à vida. Leva o corpo longo, fino, arrastado, curvado, como quem vai sem querer ir. Ele carrega, no corpo e na alma, o cansaço de todas as madrugadas. É um homem feito de desânimo e solidão. O grande amante viveu muitas vidas e hoje é um homem só, a deixar que a vida passe por ele.

“Moacir Tié” apenas pede ao mundo que o deixe continuar amando as noites. Que o deixe olhar a cidade sem pressa e sem destino. E que, chegada a hora derradeira, ele possa dançar o seu ÚLTIMO TANGO.

“MOACIR TIÊ” (O PRÍNCIPE DO TANGO)

É MADRUGADA NO “CABARÉ DE CHICO TAMANCÃO”.

Comandando mesa de pista, o advogado Raimundo Asfora descreve para um grupo de turistas alagoanos a figura de “Moacir Tiê”. Os elogios ao renomado dançarino vão saindo fáceis, generosos. O tribuno relembra, como forma de expressar, de público, sua gratidão pelo “trabalho” do boêmio em favor de sua candidatura a deputado federal, inúmeras passagens da vida de “Tiê”, principalmente como dançarino. Suas apresentações pelos cabarés dos diversos Estados, inclusive da excursão à cidade de Assunção, no Paraguai. Lá, em Assunção, continua Asfora, numa casa de tango – “A Pousada do Gardel” ele foi chamado o “Príncipe do Tango” – título que lhe foi outorgado por famoso jornalista da cidade.

O viajante Osmar Vasconcelos, um dos visitantes, conhecedor de quase todos os cabarés do Brasil, em seus bem vividos 63 anos, achando que havia exagero da parte do vibrante advogado campinense, com mal disfarçada ponta de ironia, lança a pergunta como um desafio: “Quantos passos de tango ele dá?” Antecipando-se, meio afobado, quem responde é o vereador



Rildo Fernandes: “Todos”. Não satisfeito, o viajante insiste: “Ele dá o passo do Beija-Flor?”, “Lívio do Capitólio” – já pensando em alguma aposta, atesta: “ontem, em “Zefa Timbu” – ele executou esse passo”.

Meio encabulado, Osmar Vasconcelos retorna aos carinhos de Lucemar, uma paraense de agressivos seios, cujos olhos, na opinião do viajante, “lembra os de Ida Lupino, célebre artista da Fox Movietone”.

Após prometer a Roberto Garcia, cronista social alagoano, que “Moacir Tié” não só lhe daria um autógrafo, como, inclusive, conceder-lhe-ia uma entrevista, Raimundo Asfora ergue um brinde ao “Príncipe do Tango”, que, “nesta madrugada carregada de tanta emoção, e em homenagem aos filhos da “Terra dos Marechais” – irá executar o “Passo do Beija-Flor!” O tribuno desce da cadeira sob os aplausos dos turistas, exceção feita a Osmar Vasconcelos, o despeitado viajante.

“Virgem, estou louco para conhecer o Príncipe!” – exclama nervoso, o cronista social de Maceió.

Solitário, dentro de um pequeno quarto, improvisado em camarim, desconhecendo a expectativa da platéia, o “Príncipe” dá os últimos retoques na cabeleira já grisalha, tipo “jaquetão”. Um pequeno espelho reflete o seu rosto sofrido, os olhos feitos de sono. Acende um Hollywood, ajeita o bem talhado “smoking”. Pensa na responsabilidade de executar, logo mais, diante dos turistas, o tão perigoso Passo do Beija-Flor. Sente medo. Medo de não corresponder aos elogios feitos por Asfora.

Estava assim meditando, quando ouve alguém a chamar “Príncipe! Príncipe!” Reconhece a voz de Nilo Tavares, seu amigo e conhecido jornalista. Puxa o corpo magro da cama, aperta o enfiador do “Scatamachia”, bico fino, e abre a porta. Apontando para um jovem de feições acintosamente delicadas, vestindo um terno de veludo vermelho, Nilo faz a apresentação: “Príncipe,



quero apresentar-lhe o meu colega Roberto Garcia, da Gazeta de Alagoas”. Dobrando o corpo, em demorada reverência, “Tié” estende a mão, cumprimentando: “encantado, meu jovem”. Roberto Garcia, dando um falsete na voz, faz o pedido, entregando uma caderneta de capa dourada: “quer ter a gentileza de apor o seu autógrafo?” A letra bem feita, assinalando o pomposo título: “MOACIR TIÊ – O PRÍNCIPE DO TANGO!” “FAN-TÁS-TICO”, agradece o cronista social de Alagoas, ao mesmo tempo em que arrisca, nervoso, um segundo pedido: “ai, como eu gostaria de entrevistá-lo!” “Impossível, responde o grande dançarino do velho “Cassino Eldorado”. Fingindo não ter escutado a resposta, o confrade alagoano lança a pergunta: “em que ano se apresentou na “Pousada do Gardel” no Paraguai? Moacir não consegue esconder o impacto, a confusão provocada pela indagação jamais esperada. Assustado, deixa cair o cigarro dos lábios trêmulos. Nilo Tavares, sentindo o embaraço do “Príncipe” – pisca o olho para o seu colega da Gazeta. “Tié” reage, procurando uma saída honrosa para a pergunta do persistente e indócil cronista: “meu jovem, o autógrafo eu já concedi, inclusive contrariando os meus hábitos”. “Agora – concluiu, se você quer uma entrevista, passe amanhã, ao meio-dia no Hotel Ouro Branco, que eu lhe abrirei uma exceção”. O delicado Roberto Garcia, desiludido, dizendo que aceita a entrevista, apresenta suas despedidas, perguntando: “e qual é o número do seu apartamento?” Dando-se por ofendido, pondo na boca um riso de ironia. Moacir Tié responde, dando as costas: “SUITE - meu jovem; SUITE!”.

Voltando ao salão, o cronista social desabafa sua mágoa, sua decepção pelo modo “grosso” de Tié recusar-lhe a entrevista: “aquele ali não tem nada de Príncipe: é um verdadeiro LIXO!” Ouvindo o insulto, o vereador Rildo Fernandes não se contém e, revidando, com violência, chama o confrade alagoano de “baitola”. Osmar Vasconcelos, movido pela solidariedade de

conterrâneo, tenta partir em defesa do jornalista e companheiro de excursão, mas é logo contido pela intervenção do agro-pecuarista Floripes Coutinho e do funcionário público Oldak do Ó Agra, ambos ponderando, de modo convincente mas delicado, “que briga não resolve nada”.

Serenados os ânimos, o destemido viajante retorna aos seios de “Ida Lupino”, procurando esquecer o incidente, pois a agressão do vereador estava atravessada em sua garganta de alagoano, nascido em Arapiraca, acostumado a não levar desaforo para casa. Ele queria esquecer a provocação e não conseguia, mesmo diante de Lucemar que, sentindo a gravidade da situação, procura distraí-lo oferecendo-lhe os lábios carnudos, num gesto de dengo e desejo. Dentro dele um grito de vingança, a necessidade de um desabafo. Vingança, não diretamente contra a pessoa do vereador Rildo Fernandes, em cuja cintura um “argumento” “38”, cano longo, oxidado, e carga dupla, desaconselhava a menor reação ou cara feia.

Mas vingar-se, mesmo de maneira indireta, desde que atingisse o desabusado agressor do seu companheiro de viagem. Raciocinando, chegou então a concluir que a única maneira de satisfazer o seu desejo de vingança, era torcer, embora intimamente, para que o “Príncipe” fracassasse ao procurar executar a parte mais perigosa do “Passo do Beija-Flor” – justamente aquela em que a dama, depois de permanecer solta, no ar, por um segundo, cai, como uma pluma, sobre a perna do seu par, completando o difícil passo. Vingar-se do vereador, vendo o fracasso do “Príncipe” – “esse dançador de gafeira”, passou a desejar ardentemente Osmar Vasconcelos.

Sim, ele queria ver o “Príncipe do Tango” deixar o cabaré naquela noite, humilhado, chorando, como chorando e humilhado ele vira sair, da “Boite Rosa de Ouro”, em Manaus, o bailarino portenho, Manolo Agustín Fernandez.

No rosto do despeitado viajante uma mal contida expressão de alegria.

Ele passa, então, a recordar aquela madrugada no cabaré da capital do Amazonas, nos idos de mil novecentos e quarenta e cinco, logo terminada a “Guerra Mundial”.

“Manolo Agostín Fernandez” - “O Romântico do Tango” - deixando o palco chorando, vaiado por estudantes, marinheiros e prostitutas.

Chegara precedido de enorme cartaz. O seu rosto de traços bem definidos nas páginas dos jornais, com as legendas gritando sua fama, suas qualidades de “excepcional bailarino”. “Es namorado de las noches de luna” - anunciava, em primeira página, o matutino de maior circulação de Manaus. Manolo apontado nas ruas, provocando ciúmes, desejado, distribuindo autógrafos.

Na porta do “Rosa de Ouro” - o anúncio luminoso: Manolo Agostín Fernandez - O ROMÂNTICO DO TANGO!”.

Era uma noite de sábado. A lotação do cabaré, esgotada, a provocar brigas, a exigir a interferência da polícia. Um bandoneon, como um lamento, lança os primeiros acordes de “LA CUMPARCITA”. No centro do “dancing” - à meia-luz, Manol e sua dama, Constância, bela filha da cidade de “Passos de Los Libres” - recebem os aplausos da platéia. Tem início o espetáculo! Passos leves, mas precisos, mostram a maestria, a classe do belo par de dançarinos.

A emoção domina todo o cabaré. Constância, com um gesto elegante, cheio de graça, retira da lapela do “smooking”, do “Romântico do Tango”, uma bela rosa vermelha, que ela, agora, tem entre os dedos de unhas longas e pintadas também de vermelho. Súbito, numa parada brusca do bandoneon, Manolo atira sua dama para o alto. O corpo esguio de Constância flutua, ao mesmo tempo em que os seus lábios beijam a flor cor de sangue. Foi então que, sem a devida precisão ao tentar ampará-la, de volta, em sua perna, o

“Romântico do Tango” vê o rosto moreno de Constância bater de encontro ao assoalho, na queda jamais esquecida.

Gritos, assovios, insultos. Todo o cabaré vaiando. No canto do palco, tentando esconder-se entre pesadas cortinas, Manolo Agostín Fernandez, chora.

As mãos trêmulas escondem seu rosto pálido.

“O Romântico do Tango”, a exemplo de tantos outros famosos dançarinos, também não conseguiu completar o temido “Passo do Beija-Flor”. A cidade no “Rosa de Ouro” a vaiá-lo, inclusive um viajante velho e querido boêmio, de nome Osmar Vasconcelos.

Diante de um velho e desafinado piano, a figura magra do Professor Jaime Seixas, “um piano dentro da noite”. Ele dirige a orquestra, composta de Zé Maria, no violão; Vicente Queiroz, no saxofone; Zé Apolo, na bateria; Arlindo, no piston.

Em destacada mesa, o comerciante “51” – o advogado Zeca Chabo, os médicos Agripino Cavalcanti, “Queiroguinha” – o empresário Geraldo Dias, o jornalista Eпитácio Soares, e o filósofo Gabriel Agra.

A promessa de Asfora, de que “Moacir Tié” iria executar o “Passo do Beija-Flor”, correu de mesa em mesa, e logo se tornou o assunto exclusivo no movimentado cabaré de Chico Tamancão.

É que todos ali, sabiam do perigo a que estavam expostos o dançarino e Esmeralda, sua dama, caso tentassem, realmente, cumprir o que prometera o tribuno campinense. “É um gesto temerário”, logo advertiu o Professor Aníbal Porto, também compartilhando da noite de boemia, ao mesmo tempo em que cumprimentava o poeta Ronaldo Cunha Lima, recém-chegado do Rio de Janeiro, a fim de defender, perante o Tribunal do Júri, de João Pessoa, riquíssimo comerciante que estava acusado de assassinar a esposa, por ele flagrada no “Motel Fogeama” a trocar carícias com um “caixeiro-viajante” de sua própria casa comercial.

A expectativa pela apresentação do príncipe era imensa. A

emoção contagiava, inclusive, mulheres de outras “boites”. Uma delas, Mônica, uma loura oxigenada, pernambucana de Casa Amarela, velha e experimentada inquilina do célebre “Cassino Americano” – do Pina, também exímia dançarina de tango, chamou Raimundo Asfora de “irresponsável” ao ser informada da promessa do “poeta do chapéu branco”. “Tenho pena da Esmeralda”, exclamou, indiferente ao pedido de “Amauri Guru” – que por insistência do industrial Paulinho Ribeiro, seu companheiro de mesa, a convidara para dançar uma rumba.

Sem dúvida, aquela seria uma noite diferente.

O piano joga notas pelo salão, enquanto o viajante Osmar Vasconcelos, agora já um pouco mais calmo, aguarda o momento, o tão esperado momento da vingança, tendo ao seu lado sua “Ida Lupino”.

Seria uma noite diferente...

Enquanto o cronista Roberto Garcia procura saber, do confrade, Nilo Tavares, alguns dados a respeito da vida social campinense, o Professor Átila Almeida, recém-chegado, é convocado para fazer parte da mesa. Asfora levantando-se faz a apresentação: “Átila, quero apresentar-lhe a um seu colega de Alagoas, também professor de Direito Penal e membro efetivo do “Instituto Histórico e Geográfico” de Maceió. Boêmio inveterado, saudosista, Doutor Oscar Adelino tinha profunda admiração por Álvares de Azevedo, cuja obra sabia de cor e salteado. Informado da cultura do seu colega de Campina Grande, o penalista não quis deixar passar a oportunidade de demonstrar sua intimidade com a vida e poesia do autor da “Lira dos Vinte Anos”. A fala trôpega, ele ergue a taça e saúda “o imortal Álvares de Azevedo, discípulo de Byron e de Musset!” Ajeitando os óculos no rosto severo, Átila discorda, com um trocadilho cheio de ironia: “considero uma contradição chamar a Álvares de Azevedo, neurótico, apologista da embriaguez e amante da

morte, de imortal"! “É simplesmente ridículo”, concluiu. Como se estivesse na tribuna do Júri, o mestre alagoano, sentindo-se ferido, com um gesto teatral, vai à réplica, levantando-se, os braços abertos, o olhar de mormaço dirigido para Átila: “você, professores de Matemática, têm a alma nua de emoção, de sensibilidade, escravos que são da frieza dos números!” E sentou-se, ainda solene, procurando sentir o efeito da frase, como se estivesse a cobrar dos companheiros da mesa os devidos aplausos.

Aplausos que vieram, mas não dirigidos ao poeta, boêmio e professor Oscar Adelino, mas, saudando o ingresso no “dancing” do velho e famoso locutor do “Cassino Eldorado”, no bairro da “Mandchúria” – “Gaúcho”, a cumprimentar a platéia com sua voz inconfundível: “damas, distintos cavalheiros, em nome do empresário Chico Tamancão, o nosso cordial BOA NOITE!”.

O sambista “Horácio Bacanaço” – o viajante “Fala Barata” – o motorista “Alfredo Machim” e o técnico “Neco Parafuso” sob a vigilância do investigador Jovino do Ó, compõem animada mesa.

A orquestra executa “Mambo-Jambo”.

A figura de “Gaúcho” faz o industrial Olívio Rique, mais conhecido nas rodas de boemia pelo vulgo de “Berro D’água”, recordar as grandes noitadas no célebre “Eldorado”. Ele não consegue esconder a emoção ao descrever para o economista Arlindo Almeida, jornalista Marconi Góis, empresário Geraldo Dias, o banqueiro Nivaldo Rique, os momentos por ele vividos no auge do famoso e agitado cabaré. A saudade faz com que ele transporte para o salão, naquela noite, todo o mundo da “Mandchúria”. Suas palavras têm um tom nostálgico. O grande boêmio apresenta, ali, bem vivas as mulheres que escreveram, com ciúme e paixão, a história do jamais esquecido Cassino.

Lá vai, por entre as mesas, rebolando os quadris bem feitos, a provocar desejos, “Balalaica”, morena, o jeito de denço. Ali estão todas as mulheres. Ali estão todos os “gigolôs”. Os vestidos

longos, dançando no amplo e bem iluminado salão, mal escondendo as curvas bem feitas de mulheres que marcaram uma época. “Chiquinha 18” – Nana – Celecina – Zerife.

Olívio parece escutar a voz malandra do “Príncipe Mário”, anunciando “Sereia Negra”, na Dança do Perfumador. O “piston” de “Chico Bochechinha”, e o piano de Mozart. A voz calma do “garçon” Aparício, oferecendo a teutônia gelada. A figura humilde de “Chapéu” – logo à entrada do suntuoso cabaré.

O “Eldorado” mais parecendo uma festa de luz, com os seus valentes, com suas brigas. Os viajantes. Os “bigodetes”. As aventuras de “Tota Barrão” – “Mariola” – “Passo Triste” – “Ilo de Nereu” – “Pedro Macaco” – “Zezé Buchudo” – “Natanael Belo” – “Zé Honório”. As noites de ciúme e de sangue. Tota Ribeiro, “Mane Soares” – “Zoroastro” – verdadeiros donos das noites, valentes que escreveram, nas madrugadas sem lei, inquéritos jamais concluídos.

O industrial Olívio Rique, no rosto carregado de tantas vidas, a emoção de quem revive momentos fincados dentro da alma. Alma de boêmio, a relembrar o famoso “Cassino Eldorado”, no bairro da “Mandchúria”, ali presente, pelo milagre eterno da saudade.

A luz do refletor projeta a figura de “Gaúcho”, à frente do microfone.

É o anúncio tão esperado. “Damas, cavalheiros, nosso convite para uma noite de tango e nostalgia”. Palmas, assovios, momentos da mais intensa expectativa. Mesas e cadeiras deslocadas, na disputa das melhores posições.

Asfora pede calma. Osmar Vasconcelos guarda a imagem de “Manolo Agustín Fernandez”, como forma de alimentar seu desejo de vingança.

Como uma espécie de característica musical, “Zé Apolo” toca os pratos da bateria. A noite se faz penumbra, pela luz de

pequenas lâmpadas coloridas.

“Gaúcho”, a um sinal de Jaime Seixas, faz a apresentação, em espanhol, lembrando o tempo que, anunciando o “Príncipe Mário” – abrilhantava as noites do “Cassino Eldorado”: Señoras, Señores, en la noche de fiesta, Moacir Tié – EL PRINCIPE DEL TANGO!”.

Delírio impossível de descrever. A presença do dançarino e de Esmeralda, sua dama, já no centro do salão, é saudada por contagiante vibração.

O cabaré a gritar: “Príncipe; Príncipe!” “Tié” curva o corpo magro em sucessivas e demoradas reverências, ao agradecer os aplausos.

Ele veste um impecável “smocking”, em cuja lapela se destaca bela rosa vermelha. A cabeleira, ondulada, meio grisalha, denunciando o uso da brilhantina. Sapatos pretos, sola fina. Gravata borboleta. Por sua vez, Esmeralda, não apenas no nome lembra uma filha de Espanha. Alta, o corpo esguio, os olhos expressivamente grandes e belos, sob a moldura de longos cílios. Os cabelos negros, presos a dois belíssimos adornos, do mais autêntico artesanato de Andaluzia. É uma bela mulher.

Os demorados aplausos provocaram violenta reação da parte do viajante alagoano, ao chamar “Tié” – “chibungo” – expressão somente ouvida por Lucemar, que, em sinal de protesto, dando uma rabiçaca, exclamou: “és tu nada, estrela!” E vai embora, indiferente aos apelos do desabusado turista alagoano.

Com o Professor Jaime Seixas e “Zé Apolo”, o casal de dançarinos acerta detalhes da execução do tango.

Lá no canto do salão, o conceituado Médico Milton Medeiros, em palestra com o notável cirurgião Doutor Firmino Brasileiro, recorda os bons tempos, no Recife, quando frequentavam a famosa “Academia de Dança” – do não menos célebre “Café Lafayette”.

Dentro da madrugada, os primeiros acordes de um tango. “MANO A MANO”.

“Tiê” beija a mão de Esmeralda e, num gesto viril, enlaça o seu corpo esbelto, iniciando os primeiros passos. Passos precisos, mas leves, mal tocando o bem cuidado assoalho. A platéia em verdadeiro êxtase. O bailarino tem as faces pálidas; Esmeralda, os lábios de beijo, os olhos de desejo. O tango, ora é dolente, ora é vibração, inspirando o comentário do penalista alagoano, Doutor Oscar Adelino. “Mano a Mano é uma página tecida de paixão e ternura”.

Asfora, sem desviar a atenção do “dancing”, completa a frase: “ele conta histórias escritas com lágrimas e sangue!”.

O tango com seus meneios, com seus mistérios, marcado na cadência impecável, na execução primorosa, autêntica.

Agora, Esmeralda, num gesto que é quase uma carícia, retira do “smooking” do Príncipe a rosa vermelha – exibindo-a ao público, entre os dedos. A emoção vai crescendo, a provocar murmúrios mal contidos da assistência. Osmar Vasconcelos mal consegue esconder o nervosismo. Ele tem as mãos suadas, trêmulas, pela expectativa do grande momento. Parece ter cessado o efeito das sucessivas doses de “Cuba Libre”. É chegada a hora da vingança. A sua vingança. O insulto dirigido pelo vereador e universitário Rildo Fernandes ao seu conterrâneo Roberto Garcia, chamando ao trêfego cronista social “Baitola”, continua gritando bem alto, a exigir uma desforra que não pode mais demorar. É um impulso que o tortura. “Eu verei, satisfeito, o fracasso desse tal Príncipe!” diz o viajante, num monólogo de ódio e despeito. E ele volta a recordar aquela noite, no cabaré “Rosa de Ouro”, em Manaus, em que o célebre Manolo Agostín Fernandez – “Romântico do Tango” – deixou de amparar Constância, sua dama, após ter ela beijado a rosa, tentando completar o famoso “Passo do Beija-Flor”. Ele relembra a queda, resultado

da imprecisão de Manolo. O rosto bonito de Constância, indo de encontro ao assoalho do “Rosa de Ouro” – e Manolo Agustín Fernandez, em prantos, deixando o “dancing” debaixo dos gritos e assovios de uma parte da população amazonense.

E é assim, vaiado, humilhado, que o viajante Osmar Vasconcelos, filho de Arapiraca, quer ver “esse tal de Príncipe do Tango”.

“Moacir Tié” e Esmeralda são um só compasso, um só gesto, na harmonia da perfeita exibição. O público, com receio de prejudicar aquele momento de tanta emoção, susta os aplausos no ar.

O cronista social Roberto Garcia, alma sensível, já totalmente esquecido dos insultos que lhe foram dirigidos pelo vereador e universitário Rildo Fernandes, não consegue esconder o seu entusiasmo diante daquele quadro de “tanta graça e beleza plástica” – no afirmar do renomado cirurgião Firmino Brasileiro. Levantando-se, ele exclama, com a autoridade de aluno do curso de balé ministrado pela Professora Pavlov Orminof: “Nossa! Que luxo de exibição!”. O elogio aos dançarinos serviu para aumentar o ódio, o desejo de vingança do viajante Osmar Vasconcelos, já totalmente bêbado. Tentando vencer as pernas cambaleantes, com a voz saindo aos pedaços, ele reage, em pé, gritando todo o seu despeito: “Cadê que ele ainda não deu o Passo do Beija-Flor!”.

Parecia que o “Príncipe” aguardava, apenas, e de propósito, aquele desafio, aquela provocação. Num gesto rápido, mas elegante, ele dobra o corpo magro, e joga Esmeralda para cima. Esmeralda flutua, solta, enquanto os seus lábios beijam a rosa vermelha, para em seguida, a filha de Espanha pousar, leve, na perna do “Príncipe do Tango”, o corpo moreno. Dentro da madrugada, jamais esquecido, eis “O PASSO DO BEIJA-FLOR!”.

Delírio indescritível em cenas de quase histerismo coletivo. O cabaré, agora, é um mundo que enlouqueceu. Palmas,

assovios, mesas viradas, o público atropelando-se na ânsia de cumprimentar os dançarinos. “Moacir Tié” e Esmeralda, rindo, de mãos dadas, bem no meio do “dancing”, tentam agradecer e não conseguem. Ele é carregado nos braços da multidão. O cabaré a gritar como uma só boca: “Príncipe”! Príncipe”! Nos olhos negros de Esmeralda, lágrimas mal contidas, que ela procura amparar no Chalé, a esconder-lhe os seios agressivos, como uma nova Sulamitha.

De cima de uma mesa, parte o grito do Tribuno do Povo, Bacharel, poeta e boêmio Raimundo Asfora: “Irmãos da noite! O sol já se espreguiça querendo acordar! Parai, oh! Astro apressado, para que esta madrugada seja eterna, como eterno é o tango que hoje encontrou aqui o seu legítimo e unido soberano!”.

Lá fora, alguém saudou: “Viva Moacir Tié” – O REI DO TANGO!”.

CADÊ O MENINO?

O MENINO JÁ NÃO CANTA

A “cantiga de Roda”,
Nem esconde o pião e a ponteira.
Suas mãos largaram a bola de “gude”,
Da “estica” e da “transferência”
E os seus olhos perderam o balão colorido
A riscar a noite do céu
O menino já não é “artista” ou “doidinho”
“Buck Jones” ou “Tim Mac Coy”.
No cavalo branco do carrossel
Seus lábios calaram
Lições de catecismo
Nas respostas do “croinha”.
Suas pernas não pulam “academia”
E negam a “queda-de-cebola”.
O menino já não insulta
“Barba-Rala”, “Barrão 70”, “Tubarão”,
Negando a resposta ao palhaço.
Quebrou-se a linha da “coruja”
A balançar no céu
Como um gesto abandonado de adeus.
Menino, cadê a coleção de cigarro?

Cigarro Odalisca, Yolanda, Regência?
Menino, cadê o “patinete” de rolimã,
Para gente voar, camisa aberta ao peito
Como asas de liberdade?
Menino, cadê o menino?

LILA

“PAINHO, NÃO DEIXE EU MORRER!”

“Lilá, anjo moreno, tinha os olhos fechados para a vida. Estava feita de silêncio”.

Ao lado, abandonada, a boneca era um grito de adeus.

Pai acostumado a atender todos os pedidos da filha, desfeito em lágrimas, João parecia não compreender que havia chegado ao fim. Que aquele era o momento derradeiro de uma vida menina.

Suas mãos trêmulas, unidas na prece, e o grito ao mundo: “Por que Deus tirou minha filha?” Era o pai em desespero, como se lutar fosse ainda possível.

E “Lila”, deitada para sempre, os lábios parados, os olhos sem luz, dormindo qual anjo de inocência.

“Lila”, brinquedo moreno que Deus fez quebrar.

KENNEDY

EM DALLAS,
Cidade sem Deus,
O ódio gerou saudade.
Em Meredith cantando um blue
E na criança que não espera o pai.
No sexto andar do edifício,
Na mira microscópica,
A fera espreita o instante hediondo.
No vestido de Jacqueline
O sangue generoso do Homem.

O NORTE CONTRA O SUL

“TOIN CABRAL” E “ZÉ GAUDÊNCIO”, DANÇAVAM E BEBIAM, NA “Boite Bolero”, em Copacabana, recém-chegados pelo “Curtiss Comandar” das Linhas Aéreas Paulistas.

Alta madrugada, quando maior era a animação, “Zé Mamão” belisca as nádegas de uma morena, que dançava uma rumba, levada e protegida por um mulato cheio de músculos e ciúme. O grito da cabrocha não foi um grito de dor, mas um brado de guerra. O pau cantou. Confusão, correria.

Murros, garrafas voando, copos quebrados. No mais aceso da briga, de cima de uma mesa, o grito de “Toin Cabral!”: “SUS-TENTA O TOMBO, ZÉ MAMÃO! É O NORTE CONTRA O SUL!”.

Sobre o livro

Design da Capa e projeto gráfico	Erick Ferreira Cabral
Foto de capa	Freeimages
Normalização	Jane Pompilo dos Santos
Impressão	Gráfica Universitária da UEPB
Formato	15 x 21 cm
Mancha Gráfica	11 x 13 cm
Tipologia utilizada	Chaparral Pro 12/14,47 pt
Papel	Pólen 75g/m ² (miolo) e Cartão Supremo 250g/m ² (capa)